



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA CENTRO DE CIÊNCIAS
HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

BETIZA PINTO BOTELHO

**A MULHER SURDA EM *CINDERELA SURDA*:
UMA ANÁLISE DA IDEOLOGIA DA PERSONAGEM**

JOÃO PESSOA-PB

2024

BETIZA PINTO BOTELHO

**A MULHER SURDA EM *CINDERELA SURDA*:
UMA ANÁLISE DA IDEOLOGIA DA PERSONAGEM**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção de grau de mestre em Letras.

Área de Concentração: Literatura, Cultura e Tradução.

Linha de Pesquisa: Estudos Semióticos.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Edneia de Oliveira Alves

Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Moama Lorena de Lacerda Marques

JOÃO PESSOA-PB

2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

B748m Botelho, Betiza Pinto.

A mulher surda em Cinderela Surda : uma análise da ideologia da personagem / Betiza Pinto Botelho. - João Pessoa, 2024.

66 f. : il.

Orientação: Edneia de Oliveira Alves.

Coorientação: Moama Lorena de Lacerda Marques.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Literatura surda - Cinderela Surda. 2. Feminismo surdo. 3. Cultura surda. I. Alves, Edneia de Oliveira. II. Marques, Moama Lorena de Lacerda. III. Título.

UFPB/BC

CDU 82-056.263(043)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DO(A) ALUNO(A)
BETIZA PINTO BOTELHO

Aos dezanove dias do mês de dezembro do ano de dois mil e vinte e quatro, às quatorze horas e trinta minutos, realizou-se, por videoconferência, a sessão pública de defesa de Dissertação intitulada: “A MULHER SURDA EM CINDERELA SURDA: UMA ANÁLISE DA IDEOLOGIA DA PERSONAGEM”, apresentada pela aluna Betiza Pinto Botelho, que concluiu os créditos exigidos para obtenção do título de MESTRE(A) EM LETRAS, área de Concentração em Literatura, Cultura e Tradução, segundo encaminhamento do Prof. Dr. Marco Valério Classe Colonnelli, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB e segundo os registros constantes nos arquivos da Secretaria da Coordenação da Pós-Graduação. A professora Doutora Moama Lorena de Lacerda Marques, na qualidade de coorientadora, presidiu a Banca Examinadora da qual fizeram parte os professores doutores Thiago Ramos de Albuquerque (UFPE), Elaine Reis Laureano (UFPB), Carla Damasceno de Moraes (UFSC) e Katia Lucy Pinheiro (UFC). Dando início aos trabalhos, a Senhora Presidente convidou os membros da Banca Examinadora para comporem a mesa. Em seguida, foi concedida a palavra à mestranda para apresentar uma síntese de sua dissertação, após o que foi arguida pelos membros da Banca Examinadora. Encerrando os trabalhos de arguição, os examinadores deram o parecer final, ao qual foi atribuído o seguinte conceito: aprovada. Proclamados os resultados pela Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, eu, Moama Lorena de Lacerda Marques (Secretária *ad hoc*), lavrei a presente ata, que assino juntamente com os membros da Banca Examinadora.

João Pessoa, 19 de dezembro de 2024.

Parecer: A banca examinadora considerou que o trabalho cumpre todos os requisitos necessários, tendo, no entanto, sugerido ajustes e complementações no texto, tanto relativas à estrutura e a aspectos da linguagem quanto a questões teóricas.

Documento assinado digitalmente
 **MOAMA LORENA DE LACERDA MARQUES**
Data: 19/12/2024 18:20:21-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prota. Dra. Moama Lorena de Lacerda Marques
(presidente da banca)

Documento assinado digitalmente
 **ELAINE REIS LAUREANO**
Data: 04/01/2025 05:37:22-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Elaine Reis Laureano
(examinadora)

Documento assinado digitalmente
 **THIAGO RAMOS DE ALBUQUERQUE**
Data: 05/02/2025 10:21:00-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Thiago Ramos de Albuquerque
(examinador)

Documento assinado digitalmente
 **KATIA LUCY PINHEIRO**
Data: 05/02/2025 15:03:12-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª Drª Katia Lucy Pinheiro
(examinadora)

Documento assinado digitalmente
 **BETIZA PINTO BOTELHO**
Data: 05/02/2025 19:22:10-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Betiza Pinto Botelho (Mestranda)

FOLHA DE APROVAÇÃO

BETIZA PINTO BOTELHO

A Mulher Surda em Cinderela Surda: uma análise da ideologia da personagem

Resultado: Aprovado

João Pessoa, 19 de dezembro de 2024

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **EDNEIA DE OLIVEIRA ALVES**
Data: 23/09/2024 17:23:46-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profª Drª Edneia de Oliveira Alves – UFPB (Orientadora)

Documento assinado digitalmente
 **MOAMA LORENA DE LACERDA MARQUES**
Data: 19/12/2024 18:16:09 0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profª Drª Moama Lorena de Lacerda Marques – UFPB (Coorientadora)

Documento assinado digitalmente
 **THIAGO RAMOS DE ALBUQUERQUE**
Data: 05/02/2025 10:22:19-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profª Dr Thiago Ramos de Albuquerque – UFPE (Examinador externo)

Documento assinado digitalmente
 **ELAINE REIS LAUREANO**
Data: 04/01/2025 05:37:22-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profª Drª Elaine Reis Laureano – UFPB (Examinadora externa)

Profª Drª Carla Damasceno de Moraes – UFSC (Examinador externa)

Documento assinado digitalmente
 **KATIA LUCY PINHEIRO**
Data: 05/02/2025 15:05:06-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profª Drª Katia Lucy Pinheiro – UFC (Examinador externa)

Dedico este trabalho à minha filha Tânia Botelho de Moraes Rangel (*in memoriam*) e ao meu filho Thiago Botelho Rodrigues.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela força, saúde e sabedoria que me concedeu. Como pessoa surda, sou grata por ter minha própria língua de sinais, que me permite expressar quem sou.

Sou profundamente grata à comunidade surda, que me deu identidade e cultura.

À minha orientadora, professora Edneia Alves, minha sincera gratidão por toda a orientação e correção desta dissertação. Agradeço também à professora Moama Lorena de Lacerda Marques, que contribuiu com a teoria feminista.

Agradeço aos membros das bancas de qualificação e de defesa: professores Thiago Albuquerque, Kátia Lucy Pinheiro, Elaine Reis Laureano e Carla Damasceno de Moraes, por integrarem a banca examinadora deste trabalho. Sou grata pelas valiosas contribuições realizadas tanto na etapa de qualificação quanto na defesa final.

Meu agradecimento especial vai ao meu tio, Jarbas Botelho. Sua presença foi uma verdadeira luz em minha vida; e sua ajuda, um gesto que me salvou. Que Deus continue abençoando você com sua luz e graça, assim como você abençoou a minha vida!

A Gerson Ramalho e Millena Ramalho, meu mais profundo agradecimento. Sem a generosidade de vocês, eu não teria conseguido chegar até aqui. Vocês foram uma verdadeira luz em minha vida, e a bondade de vocês me salvou. Que Deus continue a iluminar suas vidas com sua luz e graça, assim como vocês iluminaram a minha!

A Otávio Silva, por caminhar comigo em diversas atividades acadêmicas. Trilhar essa rota ao seu lado me fez seguir com mais segurança.

Meu agradecimento a João Filho, por caminhar comigo na escrita de textos em sinais e Libras no SW - SignWriting para a minha dissertação. Sua generosidade e apoio me deram segurança para seguir em frente.

Agradeço aos professores, tradutores e intérpretes da UFPE, da UFPB e à UFSC pelo curso de Letras Libras EaD. Agradeço pelo suporte durante meus estudos.

À Universidade Federal de Pernambuco e aos professores do curso de Letras Libras, agradeço pela autorização do meu afastamento para cursar o mestrado e pela oportunidade de me dedicar integralmente aos estudos.

Aos meus pais, Marcos Venicius de Almeida Botelho (*in memoriam*) e Maria Carmelia, que sempre acreditaram em mim e me apoiaram, minha profunda gratidão e amor. À minha filha Tânia Botelho de Moraes Rangel (*in memoriam*) e ao meu filho Thiago Botelho Rodrigues, que foram essenciais em minha jornada.

Finalmente, aos que me apoiaram na conclusão desta dissertação, especialmente às minhas irmãs Rebeca Pinto Botelho e Daniela Pinto Botelho; e à minha prima Adriana Barroso Botelho.

A todas e todos, meu muito obrigada!

RESUMO

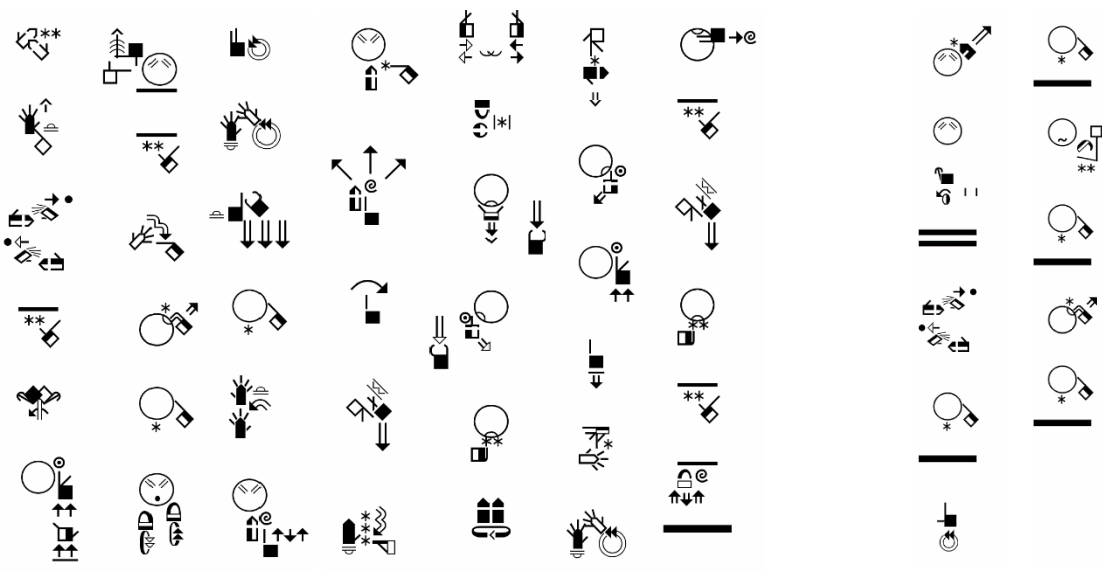
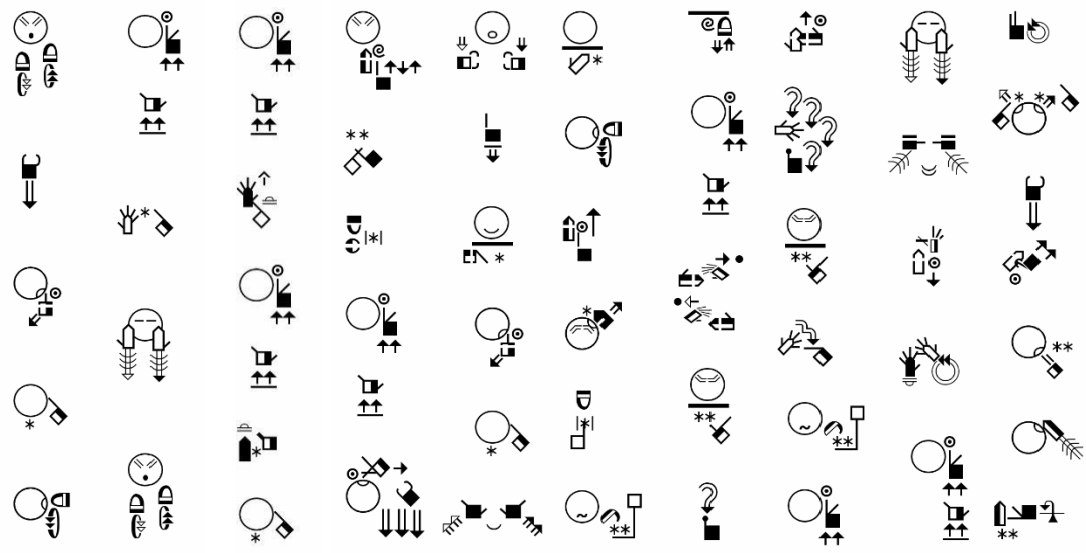
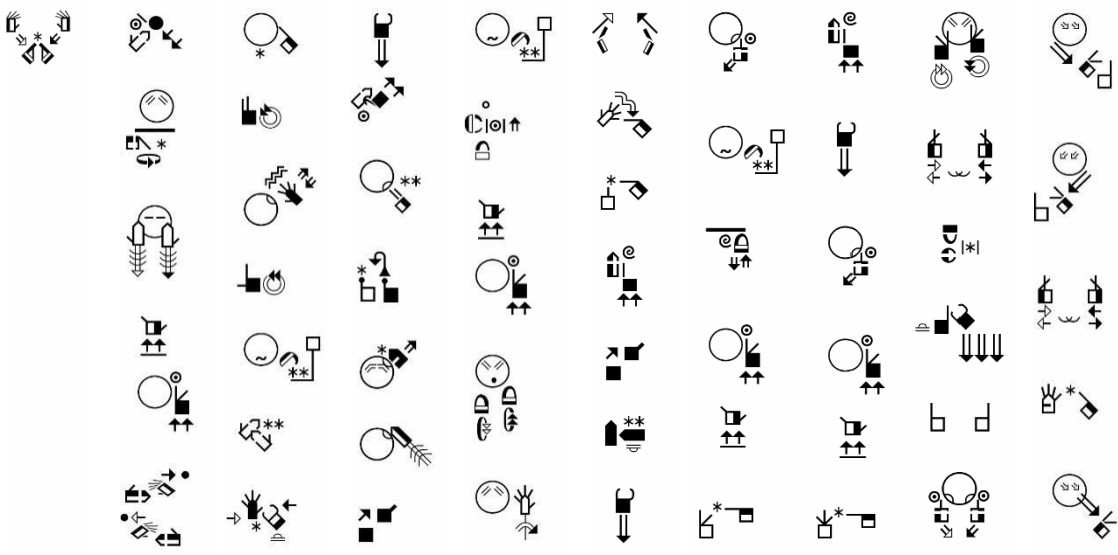
Nesta dissertação, desenvolvemos uma análise do conto de fadas *Cinderela Surda*, fundamentada nas teorias literárias e feministas e nos estudos da verbo-visualidade de Mikhail Bakhtin. Foi realizada uma análise verbo-visual para cumprir o seguinte objetivo geral: analisar dialogicamente a ocorrência do feminismo no conto *Cinderela Surda*; e os objetivos específicos: verificar se há a presença da ideologia feminista no conto *Cinderela Surda*; averiguar a posição da mulher no conto *Cinderela Surda*; verificar a relação entre as mulheres no conto; investigar como o conto visibiliza as experiências das mulheres surdas; e analisar como o conto articula as questões de subjetividade surda. Incluí, ainda, uma narrativa na primeira pessoa abordando a experiência da pesquisadora surda. Assim, chegamos à pergunta da pesquisa: há a presença do feminismo no conto *Cinderela Surda*? Os métodos incluem a análise qualitativa dos textos e elementos visuais presentes na narrativa, utilizando as categorias de Bakhtin para entender como essas camadas de significação são construídas. Como resultado, temos que a obra *Cinderela Surda*, uma adaptação do clássico conto *Cinderela*, foi modificada para refletir elementos da cultura surda, como a presença da língua de sinais e a representação de personagens surdos. Essas adaptações são importantes para promover a inclusão e destacar aspectos culturais específicos da comunidade surda. No entanto, ao analisarmos as relações de gênero dentro da narrativa, percebeu-se que a dinâmica entre homem e mulher ainda reproduz padrões de submissão feminina, semelhante ao conto original, evidenciando que os estereótipos de gênero tradicionais permanecem presentes na história.

Palavras-chave: Cinderela Surda; literatura surda; feminismo surdo; cultura surda.

ABSTRACT

In this dissertation we have developed an analysis of the fairy tale *Deaf Cinderella*, based on literary and feminist theories and Mikhail Bakhtin's studies of verbo-visuality. A verbo-visual analysis was carried out in order to achieve the following general objective: to dialogically analyze the occurrence of feminism in the story *Cinderella*. And, the specific objectives: to verify the presence of feminist ideology in the story *Deaf Cinderella*; to ascertain the position of women in the story *Deaf Cinderella*; to verify the relationship between the women in the story; to investigate how the story makes the experiences of deaf women visible; and, to analyze how the story articulates issues of deaf subjectivity. It also includes a first-person narrative addressing the experience of the Deaf researcher. This brings us to the research question: is feminism present in the story *Deaf Cinderella*? The methods used include qualitative analysis of the texts and visual elements present in the narrative, using Bakhtin's categories to understand how these layers of meaning are constructed. As a result, the story of *Deaf Cinderella*, an adaptation of the classic tale *Cinderella*, has been modified to reflect elements of Deaf Culture, such as the presence of sign language and the representation of deaf characters. These adaptations are important for promoting inclusion and highlighting specific cultural aspects of the deaf community. However, when we analyzed the gender relations within the narrative, we noticed that the dynamic between man and woman still reproduces patterns of female submission, similar to the original tale, showing that traditional gender stereotypes remain present in the story.

Keywords: Deaf Cinderella. Deaf Literature. Deaf Feminism. Deaf Culture



LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – IDEOLOGIA	38
FIGURA 2 - IDEOLOGIAS DO PÃO	39
FIGURA 3 – TRANSFORMADO	40
FIGURA 4 - CAPA CINDERELA SURDA	43
FIGURA 5 – PROFESSOR MESTRE L'EPÉE	50
FIGURA 6 – A CARTA DO BAILE	51
FIGURA 7 – AS RUAS DE	53
FIGURA 9 – FADA-MADRINHA EM CINDERELA.....	56

LISTA DE SIGLAS

ASCE	Associação de Surdos do Ceará
ASSPE	Associação de Surdos de Pernambuco
EaD	Educação a Distância
FACHO	Faculdade de Ciências Humanas de Olinda
IAE	Instituto Educacional de Alencar
ICES	Instituto Cearense de Educação de Surdos
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
L1	Primeira Língua
L2	Segunda Língua
Libras	Língua Brasileira de Sinais
LP	Língua Portuguesa
LS	Língua de Sinais
LSF	<i>Langue des Signes Française</i> (Língua de Sinais Francesa)
PPGL	Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB
SW	SignWriting
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
WDF	<i>World Federation of the Deaf</i> – WFD (Federação Mundial de Surdos)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
1.1 Objetivos	16
1.1.1 <i>Objetivo geral</i>	16
1.1.2 <i>Objetivos específicos</i>	17
1.2 Minha trajetória linguística e acadêmica	17
2 REVISÃO DA LITERATURA.....	24
2.1 Breve histórico da comunidade surda e cultura surda.....	24
2.1.1 <i>Literatura visual</i>	26
2.1.2 <i>Literatura surda</i>	27
2.1.3 <i>O feminismo na literatura surda</i>	29
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	35
3.1 O verbo-visual	36
3.2 O sentido	37
3.3 A ideologia	38
4 PERCURSO METODOLÓGICO.....	42
4.1 Corpus.....	42
4.1.1 <i>Resumo do livro Cinderela Surda</i>	43
4.2 Análise dos dados.....	45
5 A IDEOLOGIA PRESENTE NA PERSONAGEM CINDERELA SURDA.....	46
5.1 <i>A esfera discursiva do conto Cinderela Surda</i>	48
5.2 <i>A ideologia feminista no conto Cinderela Surda</i>	49
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
REFERÊNCIAS.....	61

1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação está incluída na linha teórica da Cultura Surda e propõe uma análise do conto de fadas *Cinderela Surda*, com as teorias feministas e os estudos da verbo-visualidade de Mikhail Bakhtin. A ideia de incluir essa análise surgiu da necessidade de contextualizar a obra *Cinderela Surda* dentro de um panorama histórico e cultural, que reflete as questões de gênero e os desafios enfrentados pelas mulheres surdas.

Para subsidiar nossa análise, estudamos os movimentos feministas brasileiros a partir dos séculos XX e XXI. A escolha de estudar o feminismo se justifica pela relevância dessas lutas na construção de uma compreensão mais aprofundada sobre a condição feminina no Brasil. Esses movimentos foram e continuam sendo fundamentais para a promoção de mudanças sociais e políticas, bem como para a ampliação dos direitos das mulheres.

Utilizamos os estudos feministas na análise e crítica de gênero. Sendo assim, destacamos bell hooks (1952), que nos mostra como as dimensões subjetivas estão articuladas a questões estruturais como racismo, capitalismo, imperialismo e patriarcado; Lélia Gonzalez (1935-1994), intelectual e ativista brasileira, pelas suas contribuições para o feminismo negro e a interseccionalidade, que são essenciais para uma compreensão mais ampla das questões de gênero e raça; e Judith Butler (1956), que entende o gênero como um ato performativo. Essas autoras e suas obras fornecem uma base para a análise crítica de *Cinderela Surda* e permitem uma abordagem das questões de gênero.

Mikhail Bakhtin (1895-1975), filósofo e linguista russo, desenvolveu suas teorias ao longo do século XX, sendo seus trabalhos mais influentes publicados entre as décadas de 1920 e 1970. Sua teoria da verbo-visualidade, utilizada nesta dissertação, enfatiza a interação entre linguagem verbal e visual nos textos literários. Seus estudos entendem a linguagem como um processo contínuo de interação mediada pelo diálogo, e não como um sistema autônomo: “A língua materna, seu vocabulário e sua estrutura gramatical, não conhecemos por meio de dicionários ou manuais de gramática, mas graças aos enunciados concretos que ouvimos e reproduzimos na comunicação efetiva com as pessoas que nos rodeiam” (Bakhtin, 2011, p. xx). Ele ensina que, ao interagirmos, sempre o fazemos a partir de uma posição única, própria de cada um de nós. Dessa posição, observamos o outro com um olhar permeado de valores. A palavra, considerada o signo ideológico por excelência, serve como a ponte de transmissão desses valores.

Portanto, utilizar a linguagem envolve inevitavelmente o sujeito, que é o agente das relações sociais e o responsável pelo estilo e pela composição dos discursos. Esse sujeito

recorre ao conhecimento de enunciados anteriores para formular suas falas e redigir seus textos. Ademais, um enunciado é sempre ajustado pelo falante ao contexto social, histórico, cultural e ideológico: “Caso contrário, ele não será compreendido”, explica a linguista Beth Brait (2013), estudiosa de Bakhtin. É nessa relação dialógica entre locutor e interlocutor no meio social que o verbal e o não verbal influenciam de maneira determinante a construção dos enunciados. As ideias de Bakhtin sobre o dialogismo e a relação entre diferentes formas de comunicação são centrais para entender a complexidade de narrativas como *Cinderela Surda*.

Quanto à metodologia, busca-se a descrição das construções de sentido presentes na *Cinderela Surda* por meio de uma análise, a qual se fundamenta utilizando as categorias da teoria de Bakhtin de Verbo-Visual, Sentido e Ideologia. Nesse contexto, são identificados e analisados os elementos relevantes à construção de sentido, levando em consideração as características específicas da comunidade surda e sua representação na narrativa.

A expressão “análise verbo-visual” (Bakhtin, 1981) não é amplamente reconhecida como um termo específico ou técnico na linguística ou nas ciências sociais. Esta abordagem envolve examinar como a linguagem é usada para construir significados em diferentes contextos, considerados os fatores sociais, históricos e culturais. Quando se refere a “verbo-visual”, pode-se inferir que a análise envolve não apenas elementos linguísticos (verbo), mas também elementos visuais, como imagens, símbolos ou outras formas de representação visual. Isso sugere uma abordagem abrangente, que considere tanto a linguagem falada ou escrita quanto os elementos visuais na interpretação do discurso.

O interesse pelo tema da pesquisa vem da minha própria condição de existência e pertencimento como mulher surda e como profissional docente inserida nos estudos sobre Língua Brasileira de Sinais (Libras) e as práticas pedagógicas de ensino dessa língua na universidade, especificamente no curso de Letras Libras. Essa perspectiva pessoal e profissional me proporciona uma compreensão profunda das questões enfrentadas pelas mulheres surdas e me motiva a contribuir para o avanço das discussões e pesquisas nessa área de literatura e gênero, abordando a produção das mulheres, seus direitos, entre outros.

Dessa forma, a pesquisa inclui uma narrativa na primeira pessoa, abordando a experiência da pesquisadora surda, para relacionar aos estudos. Situar a voz da pesquisadora foi fundamental no entendimento do processo para levantarmos a pergunta da pesquisa: há a presença do feminismo no conto *Cinderela Surda*? Essa é uma questão importante, tendo em vista que essa é uma obra adaptada do conto *Cinderela* nos dias atuais. Como se trata de uma obra cuja personagem principal é uma mulher, partimos da hipótese de que há a presença de aspectos feministas.

Em relação ao universo feminino, mais da metade da população mundial de surdos é composta por mulheres, de acordo com a Federação Mundial de Surdos (*World Federation Of the Deaf* – WFD), criada em 1951, com sede na Finlândia, e com pesquisas de Klein e Formozo (2007). No entanto, no Brasil, as discussões a respeito do que esta pesquisa visa desenvolver são particularmente recentes. Diante desse cenário, torna-se urgente ampliarmos o diálogo e as pesquisas no âmbito da comunidade surda sobre as experiências específicas das mulheres surdas. Os poucos estudos neste domínio mostram a necessidade de investigações que possam contribuir para uma compreensão mais profunda das questões enfrentadas pelas mulheres surdas, pois as poucas informações dificultam políticas públicas necessárias à inclusão social e educacional e à equidade de gênero no âmbito das discussões sobre a condição da pessoa surda.

A dissertação é composta por capítulos que abordam: as produções sobre literatura, desde o segmento da literatura surda à literatura de autoria feminina surda; os aspectos da comunidade surda e da cultura surda; as categorias teóricas de Bakhtin (Verbo-Visual, Sentido e Ideologia). Abordam ainda a Libras, seu percurso histórico e a luta da comunidade surda no Brasil. Explora a identidade e a cultura surda, apresentando um breve histórico do sujeito surdo e sua comunidade, destacando seus artefatos culturais que influenciam na percepção de mundo. E na parte final, detém-se nas análises das imagens, centradas no verbo- visual, contidas na história *Cinderela Surda*.

Por fim, pretendemos assim contribuir promovendo uma discussão incentivadora e inclusiva no âmbito da literatura e cultura surda, pois o conto *Cinderela Surda* representa um valioso produto cultural integrante do acervo literário da população surda. Esperamos, dessa maneira, fornecer novas perspectivas e abrir caminhos para futuras pesquisas que possam enriquecer o campo dos estudos feministas e surdos. Como resultado da conclusão dessa pesquisa, estabelecemos uma análise da representação da mulher surda na atualidade.

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivo geral

Verificar a presença da ideologia feminista no conto *Cinderela Surda*, analisando a maneira como as questões feministas se manifestam e são discutidas dentro do contexto da história adaptada, que reflete a cultura surda.

1.1.2 Objetivos específicos

1. Averiguar a posição da mulher no conto *Cinderela Surda*.

Analisar como as mulheres são retratadas na história, identificando se elas ocupam papéis de protagonismo ou se continuam sendo subalternizadas, como ocorre nas versões tradicionais dos contos de fadas.

2. Verificar a relação entre as mulheres no conto.

Investigar como as personagens femininas se relacionam entre si, buscando identificar se há solidariedade, apoio mútuo ou conflitos; e como essas relações refletem dinâmicas de gênero e feminismo.

3. Investigar como o conto visibiliza as experiências das mulheres surdas.

Examinar como a narrativa aborda as vivências e os desafios das mulheres surdas, considerando tanto o contexto da cultura surda quanto as dificuldades que elas enfrentam na sociedade em geral.

1.2 Minha trajetória linguística e acadêmica

Este é o meu relato. Sou Betiza Pinto Botelho, natural da cidade de Fortaleza, Ceará, professora de Ensino Superior da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba (PPGL/UFPB). Recordo dos meus primeiros anos de estudo, nascida surda, minha família não usava e até hoje não usa Libras. Eu fui oralizada desde criança até 21 anos de idade, não era fluente em Libras e usava gesto natural.

Em 1990, meu colega surdo encontrou comigo na escola inclusiva oralista e me convidou para a Associação de Surdos do Ceará (ASCE). Eu percebi, na hora, ao ver todas as pessoas surdas usando Libras, que eu era surda. Porque eu era criança e não sabia o significado da Libras, eu pensava que eu era a única surda. Fiquei emocionada, encontrei pessoas surdas e ali entendi que era minha primeira língua (L1) e a língua português (LP), a minha segunda língua (L2).

Embora eu estudasse numa escola inclusiva e oralista, eu não conseguia compreender o que me era ensinado e não tinha meios adequados para a minha comunicação. Não sabia como brincar, não tinha aprendido a me sentar com atenção na sala de aula e, muitas vezes, ficava

inquieta, sem que ninguém entendesse o motivo. Naquela época, minha comunicação era limitada. Era comum que, assim como eu, outras pessoas recorressem aos gestos para se comunicar, uma vez que a Língua de Sinais não era difundida entre as famílias e na sociedade.

Antes, em 1977, eu não estudava e ficava em casa, sem ir à escola, e o motivo era a escola particular não aceitar alunos surdos. Em 1978, já com idade de 9 anos, entrei no Instituto Cearense de Educação de Surdos (ICES), com alunas e alunos surdos e os professores ouvintes. Ainda com 9 anos, tinha muito pouco contato com a Língua de Sinais e não aprendi, pois não conseguia entender significados em Libras e eu não me tornei fluente. Não desenvolvia a minha língua na comunidade surda e eu não participava na ASCE. Também não tinha amigos e amigas surdas para brincar e estava morrendo de medo dos colegas adultos surdos, motivo de provocação, como bullying, e eu me apavorava com adultos surdos. Eu fui para a aula, mas a professora agia de forma agressiva comigo, utilizando métodos como beliscões e castigos severos, coisas muito pesadas que me deixavam apavorada. Além disso, ela me obrigou a realizar atividades orais, o que me causou desconforto. Depois disso, eu não queria ir para a escola e chorava muito. Minha mãe resolveu procurar outra escola.

De 1979 até 1989, minha idade de 10 anos até 20 anos, fui matriculada na escola particular de ouvintes, o Instituto Educacional de Alencar em Fortaleza – Ceará (IEA), na rua Doutor José Lourenço, 1660, bairro Aldeota; e convivia com as crianças ouvintes no ambiente escolar. Sem conseguir a compreensão do que era explicado, sem o mínimo de comunicação, não sabia como brincar (as regras das brincadeiras), não tinha atenção para com a professora em sala de aula, muitas vezes ficava inquieta e ninguém entendia o motivo disso. Eu era a única surda na escola e não tinha aluno surdo, somente ouvintes. A escola, infelizmente, fechou após alguns anos de funcionamento.

Enfrentei situações desconfortáveis. Sofri perseguição de muitos colegas devido à minha diferença de idade, sendo mais velha e alta do que os alunos mais novos, o que me deixava emocionalmente fragilizada. Alguns deles não me aceitavam, o que tornava a situação ainda mais difícil. Além disso, em algumas atividades escolares, era exigido que lêssemos textos em português em voz alta, o que me causava muito incômodo, pois minha voz era motivo de risos na sala de aula.

Percebi a necessidade de frequentar um fonoaudiólogo para o desenvolvimento da minha fala oral. Em casa, mal tinha tempo para relaxar e brincar, pois também fazia aulas de reforço de Português, Matemática, Geografia, entre outras disciplinas. Toda essa pressão me deixava nervosa, angustiada e estressada.

Tinha muita dificuldade de entender o português, lembro que eu era jovem, tinha 16

anos em 1985, mais ou menos, e era oralista. Estava jogando vôlei com ouvintes em um campeonato, mas não entendia as regras da linha da quadra. A bola foi para fora, na minha visão, mas quando falei com o juiz, ele disse que estava dentro. Eu e o juiz não nos entendemos e, por isso, ele me expulsou do time. Ele me perguntou se eu era um ladrão/roubador e eu respondi que sim, que ele era o ladrão. Por causa disso, não entendi o significado das regras do vôlei na linha da quadra. Fiquei apavorada e fui punida. Minha mãe também brigou comigo e não me deixou sair com os amigos ouvintes nos fins de semana. Realmente, não conseguia entender a comunicação com o juiz e com minha mãe.

Ao longo desses anos na minha vida, frequentei a escola oralista e convivi com outras crianças ouvintes e também famílias ouvintes, prima ouvinte, etc. No entanto, apesar de estar inserida no ambiente escolar e na casa de familiares ouvintes, enfrentei dificuldades significativas. Não conseguia compreender totalmente o que me era apresentado, experimentando pouca comunicação. Utilizei comunicação básica em casa, sinais caseiros combinados pela família em casa.

Entre o 1º e o 4º ano do Ensino Fundamental I na escola particular, com o método de ensino oralista, e eu sendo a única estudante surda da sala, tinha melhor acesso às atividades pela leitura de imagens. As atividades de literatura estavam limitadas às produções mundialmente conhecidas, como *Chapeuzinho Vermelho*, por exemplo, em que a minha tentativa de compreensão do enredo se restringia à leitura de imagens, considerando as limitações na compreensão da história a partir do português escrito ou oral (falado), sabendo que não tinha a presença de um profissional intérprete de Libras na sala de forma inclusiva, não havendo, também, nenhuma professora proficiente em língua de sinais.

Entre a 5ª e a 8ª série do Ensino Fundamental II na escola oralista, as práticas continuaram descontextualizadas com a minha realidade linguística. Nesse período, recordo da atividade que era passada por uma professora que, quando chegava a minha vez de ler oralmente o parágrafo de um texto, a minha voz era objeto de risos por todos da sala. A contragosto, fiz a leitura, mas isso me trouxe uma angústia muito forte por ter me sentido ridicularizada pelos demais colegas.

Em 1990, com 21 anos de idade, entrou na escola um novo aluno, que era surdo, e fiquei surpresa, pois o aluno surdo utilizava Libras. O surdo me levou para a Associação de Surdos do Ceará. Estava sem entender nada e decidi fazer um curso. Desenvolvi o aprendizado de forma rápida. Fiz amigos surdos e amigas surdas. Minha amiga surda mais experiente me aconselhou em todos os aspectos do conhecimento geral. Apreendi rapidamente, pois a comunicação se tornou mais clara e me senti mais segura para entender. Minha vida como

oralista sempre foi prejudicada porque eu não tinha acesso à Libras. Optei por retirar o aparelho auditivo. Atualmente, sou fluente e me sinto muito feliz na minha língua: Libras.

Em 1996, mudei-me para Recife, Pernambuco. Entre 1999 e 2000, cursei do Ensino Fundamental ao Médio no Centro de Estudos Supletivos Valdemar de Oliveira, localizado na avenida Mário Melo, bairro Santo Amaro. Enfrentei muitas dificuldades devido à ausência de tradutores/intérpretes, o que tornava a comunicação quase sempre pouco clara. Apesar das adversidades, continuei estudando e me esforçando. Algumas pessoas me olhavam com estranheza, mas não parei os estudos até concluir toda a educação básica no Ensino Médio, contando com a presença de uma professora de reforço que utilizava sinais básicos, o que representou um avanço para mim.

Morando em Recife, fui visitar a Associação de Surdos de Pernambuco (ASSPE), um lugar de interação e excelentes diálogos com novos amigos surdos pernambucanos. Embora tivesse poucos amigos surdos, eles acreditaram em mim. Entre eles, uma amiga minha sempre dialogava comigo, apoiando-me, principalmente quando fui aprovada para iniciar meus estudos no curso de Pedagogia na Faculdade de Ciências Humanas de Olinda (FACHO), em 2003. Infelizmente, não pude concluir o curso e obter meu diploma em Pedagogia, pois estava cuidando do meu filho e não tinha tempo para estudar, já que não contava com apoio da família e do ex-marido para cuidar dele, o que gerou dificuldades adicionais.

Em 2006, recebi uma divulgação convidando-me para fazer a prova para o curso de Letras Libras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no polo da Universidade Federal do Ceará (UFC). Fiz o vestibular para esse curso, porém, fui reprovada.

Em 2008, a segunda vez, fiz a prova para o curso de Letras Libras no polo da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e fui aprovada no vestibular para o curso de licenciatura em Letras Libras. Foi nos meus estudos durante o curso de Letras Libras que verdadeiramente compreendi o que é a literatura e a importância dela para as pessoas. Concluí minha graduação e me formei, encerrando essa etapa com gratidão. No entanto, a luta não terminou ali, ela continuou até se materializar com minha chegada ao mestrado, representando um novo momento em minha trajetória acadêmica.

Em 2009, enquanto cursava a graduação de Letras Libras, participei da pesquisa *Memórias e História dos Surdos em Pernambuco*, pelo grupo Ponto de Cultura Surda Vozes Visuais. O objetivo era identificar sinais utilizados por pessoas surdas pernambucanas na década de 1950 e documentar a evolução desses sinais ao longo de 60 anos. A pesquisa se baseou nas memórias das pessoas surdas mais velhas, pois, naquela época, a Libras não era uma

língua reconhecida por lei. Coletamos depoimentos filmados, documentos, fotografias e jornais que retratavam as vivências das pessoas surdas no estado de Pernambuco. Embora ainda não tenha transformado essa pesquisa em um artigo publicado, pretendo fazê-lo em breve.

Em 2014, passei no concurso para docente da UFPE, sou professora efetiva no curso de Letras Libras. E agora, chego ao mestrado na UFPB no ano de 2022, seguindo a mesma trajetória da graduação. Devo dizer que surdos e ouvintes trilharam essa etapa da vida acadêmica de modos diferentes. Senti-me como uma recém-chegada ao mundo dos mestrandos ouvintes, porque o português é minha segunda língua, e ainda não temos um ambiente completamente adequado aos alunos e alunas surdas.

Instrutora de Libras, me formei no curso de aperfeiçoamento de Instrutor de Libras, agente multiplicador pelo MEC, no ano de 2001. Fui voluntária como instrutora da escola Centro SUVAG de Pernambuco, depois virei professora surda contratada da mesma escola, o que durou 10 anos. O Decreto nº 5.626/2005 (Brasil, 2005) estabelece a exigência de certificação de proficiência no uso e ensino de Libras, por meio da ProLibras. Minha experiência com a prova de proficiência do ensino de Libras foi desafiadora para o crescimento de conhecimentos e a prática pela experiência. Avaliar o nível de habilidade de ensino de Libras. Tenho habilidade e domínio de Libras e sou pessoa surda, me expresso e compreendo conceitos de uma outra língua para a minha. Precisei desenvolver estratégias para comunicar meu conhecimento e compreender as diferenças da língua portuguesa. Esse exame busca fluência na língua, compreensão e produção de sinais, expressão clara e compreensível, entendimento da cultura surda e identidade surda, bem como aspectos gramaticais da Libras. Eu compartilhei minha vivência e aprofundei a Libras, as áreas em que me senti mais confortável por minha língua e a contribuição dessa avaliação para o meu desenvolvimento na língua.

No curso de mestrado, a instituição implementou diversas medidas para garantir a acessibilidade para alunas e alunos surdos. Foi disponibilizado um intérprete de Libras em todas as aulas e atividades acadêmicas, o que facilitou significativamente a compreensão do conteúdo. Além disso, os materiais didáticos foram disponibilizados em formato digital, permitindo que eu utilizasse softwares de tradução de texto para Libras, facilitando o acesso ao conteúdo de forma independente. Na instituição, contei com o apoio de colegas ouvintes e surdos nas atividades e trabalhos das disciplinas e na produção da dissertação. Apesar dessas iniciativas positivas, ainda enfrentei algumas dificuldades. A pouca sensibilização geral da comunidade acadêmica sobre as necessidades específicas das alunas e alunos surdos é um desafio persistente. Isso refletiu-se em situações em que alguns colegas e professores não estavam totalmente cientes das melhores práticas de comunicação ou da importância de manter um

ambiente mais inclusivo. Além disso, a UFPB não ofereceu um serviço de apoio estudantil específico, o que seria importante, considerando a dificuldade que tenho com a escrita na minha segunda língua, o português.

A ausência de legendas em alguns vídeos e materiais audiovisuais utilizados no curso também prejudicou minha compreensão em certos momentos. Para mim, o português é uma língua estrangeira, e todo o conteúdo das disciplinas, a ministração das aulas e os artigos pesquisados estão em português, exigindo um esforço adicional. Também enfrentei dificuldades para encontrar um profissional de apoio (tradutor e intérprete de Libras) para ajudar na compreensão dos textos e na escrita da dissertação. A UFPB não possui profissionais suficientes para oferecer o suporte necessário, conforme exigido pela legislação educacional e pelas normas internas da instituição. Portanto, precisei encontrar um profissional em minha cidade e arcar com os honorários do tradutor e intérprete.

Apesar dessas situações desfavoráveis, quero destacar a vantagem do programa em contar com uma professora orientadora em Libras. Ela me deu conforto linguístico na orientação. Aprendo bastante nessa etapa da minha vida acadêmica, e o mestrado me proporciona a felicidade de continuar a pesquisar os assuntos do meu interesse.

Sobre a escolha do tema da minha pesquisa de mestrado, eu faço relação também com minha experiência de vida, como mulher surda. No passado, eu enfrentei problemas em um relacionamento abusivo. Tinha medo, falta de experiência e também não tinha informações, porque não havia intérpretes disponíveis antes de 2002. Agora, graças à Lei nº 10.436 e ao Decreto nº 5.626 (Libras), temos mais suporte. No entanto, eu não sabia como buscar ajuda naquele momento. Permaneci em um relacionamento abusivo por cerca de 9 anos, enfrentando riscos diários. Consegui me afastar desse casamento violento, mas me senti sozinha, com um filho pequeno de apenas dois anos. Minha ex-sogra tentava me manter próxima do agressor, alegando compaixão pelo relacionamento passado. Minha família queria que eu me separasse, pois minha vida estava em risco, mas eu enfrentava dificuldades financeiras, lutando para alimentar meu filho e arcar com as despesas. Eu trabalhava por um salário-mínimo, o que era insuficiente. Demorei muito tempo para compreender a gravidade da situação.

Na atividade da disciplina de Literatura Surda, realizei uma pesquisa e encontrei livros de contos, vídeos no YouTube, produções de alunos(as) surdos(as), poemas, poesias e materiais relacionados à Libras da UFSC, além de conteúdos no Instagram. Durante essa pesquisa, observei como as mulheres eram frequentemente impedidas de ter espaço e liberdade na literatura escrita, refletindo o machismo estrutural. No entanto, aprendi que a realidade era mais complexa do que eu imaginava. Fiquei impressionada com o fato de que a língua de sinais

proporcionava uma aprendizagem mais completa do que apenas a língua portuguesa, tanto na forma escrita quanto na oral, uma vez que a língua de sinais é a minha primeira língua (L1).

Atualmente, estou percebendo um aumento no número de mulheres ocupando espaços na literatura em língua de sinais. Mulheres surdas como Renata Freitas, Priscilla Leonnor e Gabriela Grigolon estão conquistando esses espaços. Antes, o espaço era dominado pelo machismo, mas agora as mulheres estão ocupando seu lugar e fazendo um impacto significativo. Tenho assistido às palestras sobre as barreiras que as mulheres enfrentam, incluindo processos jurídicos e a dificuldade de denunciar agressões.

Também tenho aprendido muito sobre direitos, lutas e disseminação desses assuntos, bem como sobre o vocabulário feminista e os conceitos que estão sendo trazidos pelas mulheres mais jovens. Vi, na sala de aula, o poema que a professora Fernanda Machado fez. Eu vi um poema de Renata Freitas¹ sobre feminismo e eu não sabia o significado do feminismo, o contexto do feminismo. Agora, nas aulas do mestrado, eu aprendi e quero aprender mais profundamente sobre o feminismo.

Feminismo, para mim, é lutar para que homens e mulheres tenham os mesmos direitos e oportunidades. Não é sobre ser melhor que o outro, mas garantir igualdade e respeito.

As mulheres surdas enfrentam duplo desafio, porque lidam com preconceito por serem mulheres e por serem surdas. O feminismo surdo é importante porque dá Libras a essas experiências e busca mudar essa realidade.

Acredito que o feminismo é uma luta coletiva, que beneficia todas as pessoas, não apenas as mulheres. Ele nos convida a repensar as relações sociais e afetivas, construindo um mundo mais igualitário e solidário.

¹ Vídeo “A Submissa”, de Renata Freitas. Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/B9e3ZWFJj1M/?igsh=bzc5b2t5b3Z1OWI0>. Acesso em: 08 nov. 2024.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Este capítulo é concebido por um conjunto de produções sobre os temas literatura, literatura surda, literatura de autoria feminina surda, literatura visual, comunidade surda, cultura surda, categorias teóricas de Bakhtin (Verbo-Visual, Sentido e Ideologia).

2.1 Breve histórico da comunidade surda e cultura surda

Na França, por volta de 1750, conforme Soares (2005), o abade francês Charles Michel de L'Épée fez uma contribuição significativa para a educação dos surdos ao fundar o Instituto para Jovens Surdos e Mudos de Paris, a primeira escola pública dedicada a essa população. A criação dessa escola não apenas representou um avanço na educação dos surdos, mas também estabeleceu um ambiente favorável ao desenvolvimento de uma identidade e cultura surda e de língua de sinais surda. Com o tempo, essa base educacional ajudou a fomentar um espaço onde a cultura surda pudesse prosperar, incluindo a expressão artística.

Como explica Strobel (2008), a comunidade surda tornou-se um espaço vibrante de encontro e compartilhamento cultural, em que a Língua de Sinais é utilizada para criar formas artísticas e expressar emoções e histórias de maneira visual. Strobel destaca que os artistas surdos produzem diversas formas de arte – como desenhos, pinturas e esculturas – que não apenas refletem suas experiências e subjetividades, mas também servem para comunicar as crenças e o patrimônio da cultura surda, muitas vezes abordando questões de discriminação e luta pela aceitação:

No artefato cultural, artes visuais, os povos surdos fazem muitas criações artísticas que sintetizam suas emoções, suas histórias, suas subjetividades e a sua cultura. O artista surdo cria a arte para que o mundo saiba o que pensa, para divulgar as crenças do povo surdo, para explorar novas formas de “olhar” e interpretar a cultura surda. [...] Tem muitos surdos artistas que fazem desenhos, pinturas, esculturas e outras manifestações artísticas com extensão beleza, equilíbrio, harmonia, e revoltas com muitas discriminações sofridas pelo povo surdo (Strobel, 2008, p. 66).

As produções culturais surdas existem a partir do que surdos e surdas artistas criam como narrativas, poemas, piadas e outras artes surdas. Sobre o papel dessas criações, os autores surdos Perlin e Miranda (2003, p. 218) nos dizem:

Experiência visual significa a utilização da visão, em substituição total à audição, como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de expressar, de

conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico. A cultura surda comporta a língua de sinais, a necessidade do intérprete, de tecnologia de leitura.

Nas produções de sujeitos surdos e surdas, em que aparecem as identidades surdas, mãos e olhos, tanto sinalizados quanto escritos em vários gêneros, estão na definição de literatura surda, conforme aponta Sutton-Spence (2013, p. 132):

Penso que a literatura surda está em qualquer manifestação linguística que mostre a identidade surda. Isso pode ocorrer em narrativas, contos; pode ser na poesia, pode ser nas piadas. Não importa o gênero, mas, para mim, o que é relevante é que a língua de sinais esteja em foco, ou a escrita, e importa ainda que a identidade surda esteja também em foco. Para mim, isso é literatura surda.

No contexto criativo da identidade surda, a literatura surda desempenha um papel crucial como meio de preservação e promoção da cultura surda. O trabalho relevante de Rachel Sutton sobre literatura surda foi publicado em 2006, especificamente no artigo “Poesia em Língua de Sinais: traços da identidade surda”. Ela publicou, em 2021, o livro *Literatura em Libras*. Sutton enfatiza a importância desta literatura ao destacar que ela não apenas reflete as experiências e vivências da comunidade surda, mas também as valoriza e as perpetua para as gerações futuras. A literatura surda, ao ser escrita por surdos e para surdos, proporciona uma perspectiva autêntica e íntima da vida cotidiana, das tradições e das lutas enfrentadas pela comunidade surda.

Esse tipo de literatura é essencial para a manutenção da identidade surda, pois utiliza a Língua de Sinais e outras formas de expressão visual para narrar histórias que são culturalmente relevantes e que abordam temas importantes para a comunidade. Através de narrativas visuais e textuais, os autores surdos podem explorar e comunicar aspectos únicos de sua vivência, suas percepções e suas tradições, permitindo que o público surdo se reconheça e se conecte com suas próprias experiências. Além disso, a literatura surda desempenha um papel educativo e de conscientização para aqueles que não são surdos, oferecendo uma visão mais profunda e compreensiva sobre o que significa viver e ser parte da comunidade surda. Ao abordar questões de identidade, inclusão e a própria experiência surda, essa literatura contribui para a valorização e o respeito pela cultura surda, promovendo uma maior compreensão e aceitação dentro e fora da comunidade.

Em resumo, a literatura surda não só preserva e promove a cultura surda, mas também oferece uma visão única e enriquecedora das experiências da comunidade surda, ajudando a fortalecer a identidade cultural e a oferecer uma voz autêntica para as histórias e perspectivas dos surdos.

2.1.1 Literatura visual

De acordo com Karnopp (2008), contar histórias é um hábito tão antigo quanto a civilização. Ela pode assumir diversas formas, desde as transmitidas de geração em tribos antigas até as obras escritas que hoje são estudadas em escolas e universidades. Está presente no cotidiano das pessoas, desde a poesia em músicas até as histórias contadas em filmes, séries e outras formas de entretenimento. Ela desempenha um papel fundamental na comunicação e na compreensão do mundo, oferecendo *insights* sobre a natureza humana, a sociedade e a cultura.

Segundo Marinho (2024), a literatura se manifesta desde os livros clássicos que desempenham um papel significativo na preservação e transmissão de ideias ao longo do tempo até as maneiras mais contemporâneas, como as expressões artísticas urbanas de grafites e murais presentes em grandes cidades. Essas manifestações verbais e visuais refletem as preocupações, os valores e as experiências das comunidades locais.

Portanto, a literatura é uma parte integral da experiência humana, conectando as diferentes civilizações ao longo do tempo e proporcionando uma maneira única de explorar e entender o mundo.

Entre as literaturas existentes, surge, na comunidade surda, a literatura visual, que se refere a uma forma de expressão artística que combina elementos literários e visuais para criar uma narrativa ou transmitir uma mensagem. Essa interação entre texto e imagem é explorada de maneira criativa para gerar significado e impacto estético. Na literatura visual, a comunicação não se limita apenas às palavras escritas, mas também se estende às representações visuais, como ilustrações, fotografias, gráficos e outros elementos visuais.

Esse conceito reconhece a importância da dimensão visual na comunicação e na transmissão de histórias, buscando uma síntese harmoniosa entre o verbal e o visual. E pode ser aplicado a diversas formas de arte, como quadrinhos, *graphic novels*, livros ilustrados e poesia visual. A literatura visual é, portanto, uma abordagem interdisciplinar que valoriza a interconexão entre linguagens diferentes para enriquecer a narrativa e proporcionar uma experiência mais rica aos espectadores ou leitores.

Em meio à literatura visual, há a literatura surda, que desempenha um papel crucial na promoção da inclusão e da diversidade, proporcionando uma plataforma para que as experiências e perspectivas da comunidade surda sejam compartilhadas. Ao contar suas próprias histórias, os autores surdos podem desafiar estereótipos, aumentar a conscientização sobre as questões enfrentadas pelos surdos e destacar as realizações e contribuições valiosas

dessa comunidade. Contar histórias, piadas, episódios em línguas de sinais pelos próprios surdos é um hábito que acompanha a história das comunidades surdas (Karnopp, 2008).

Além disso, ao dar visibilidade à literatura surda, é possível fortalecer a compreensão e a aceitação da língua de sinais como uma forma legítima de comunicação. Isso pode ter impactos significativos na quebra de barreiras de comunicação e na promoção de ambientes mais inclusivos em vários setores da sociedade, como educação, emprego e cultura (Karnopp, 2008).

A literatura surda não apenas enriquece a diversidade literária global, mas também desempenha um papel fundamental na construção de uma sociedade mais empática, em que as vozes das pessoas surdas são valorizadas e compreendidas. Essa forma de expressão contribui para a construção de pontes entre as comunidades surdas e ouvintes, fomentando um diálogo mais amplo sobre inclusão e respeito mútuo.

2.1.2 *Literatura surda*

Rachel Sutton-Spence é pesquisadora em estudos literários e defende que a literatura surda em Libras é fundamental para a expressão dos surdos na sua própria língua, sendo um direito de todos os surdos e surdas. Sobre a literatura surda, Sutton-Spence (2005, s.p.) nos explica:

A literatura surda é a produção literária criada por pessoas surdas e voltada para a comunidade surda, muitas vezes expressa em Língua de Sinais. Diferentemente da literatura escrita tradicional, a literatura surda é visual e gestual, e envolve a performance narrativa por meio do corpo, das expressões faciais e das mãos, utilizando as línguas de sinais como meio de expressão artística e cultural.

A mesma autora enfatiza que a literatura surda não é apenas a tradução de textos escritos para a Língua de Sinais, mas sim uma forma autêntica de criação cultural, que reflete as experiências, a identidade e os valores da comunidade surda. Isso inclui narrativas, poesias, contos e até mesmo adaptações de histórias tradicionais, como *Cinderela Surda*, que são reinterpretados sob a perspectiva da cultura surda.

O ponto chave do conceito de Sutton-Spence é o reconhecimento da importância da Língua de Sinais como meio de criação artística e da performance como parte essencial da literatura surda. A oralidade visual, característica dessa literatura, permite que as histórias sejam contadas e transmitidas de uma maneira única, fortalecendo a cultura e a identidade surdas. Ou seja, porque ajuda a entender como a cultura e a identidade surdas são representadas

através de uma narrativa visual, distinta da literatura escrita tradicional.

Os autores Lodenir Karnopp e Rodrigo Machado (2006) enfatizam que a literatura surda é a produção literária dos povos surdos, que expressa as culturas e identidades dos sujeitos surdos, ou seja, a experiência no mundo através de sua cosmovisão. Sobre a literatura surda, dizem:

[...] utilizamos a expressão “literatura surda” para histórias que têm as línguas de sinais, a questão da identidade e cultura surda presente nos textos e imagens de livros de literatura infantil. A literatura surda está relacionada com a cultura surda. A literatura da cultura surda, contada na língua de sinais de determinada comunidade linguística, é constituída pelas histórias produzidas em língua de sinais pelas pessoas surdas, pelas histórias de vidas, que são constantemente relatadas, pelos contos, pelas lendas, fábulas, piadas, poemas sinalizados, anedotas, jogos de linguagem e muito mais. O material, em geral, reconta as experiências das pessoas surdas, no que diz respeito, direta ou indiretamente, à relação entre as pessoas surdas e ouvintes, que são narradas como relações conflituosas, benevolentes, de aceitação ou de opressão (Karnopp; Machado, 2006, p. 15).

Entendemos que o visual é o referente para os povos surdos elaborarem os artefatos culturais, sejam eles linguísticos, artísticos, políticos, da vida familiar e social, etc. Segundo Strobel (2008, s.p.), “a cultura surda é o jeito pelo qual o sujeito surdo entende o mundo e o modifica a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas”. E povo surdo significa, de acordo com Strobel (2009, p. 29):

Quando pronunciamos “povo surdo”, estamos nos referindo aos sujeitos surdos que não habitam no mesmo local, mas que estão ligados por uma origem, por um código ético de formação visual, independente do grau de evolução linguística, tais como a língua de sinais, a cultura surda e quaisquer outros laços.

Ao entendermos que a literatura surda está profundamente conectada à história, à cultura e à identidade surdas, percebemos como ela reflete situações familiares para nós, surdos e surdas, como espelhos do mundo literário em que habitamos; e como a língua expressa na literatura é constituidora da identidade do sujeito e da comunidade.

A literatura surda auxilia no conhecimento da língua e cultura para os surdos que ainda não têm acesso a elas. Para crianças surdas, a literatura surda é um meio de referência e também cria uma aproximação com a própria cultura e o aprendizado da sua primeira língua, que facilitará na construção de sua identidade (Klein; Rosa, 2011, p. 94 *apud* Mourão, 2016, p. 25).

Por ser um artefato, uma expressão da cultura surda, o conto *Cinderela Surda* será analisado a partir da perspectiva do lugar da mulher surda, dentro do universo da cultura surda

e da sociedade em geral. Utilizaremos esse método para explorar como o conto, uma releitura da tradicional história da *Cinderela*, de Perrault (1999), é adaptado para refletir a realidade dos surdos, destacando aspectos da cultura e da identidade surdas. A metodologia detalhada para essa análise será apresentada posteriormente.

2.1.3 O feminismo na literatura surda

O feminismo, como movimento e teoria crítica, busca desafiar e transformar as desigualdades de gênero, oferecendo uma perspectiva que valoriza a experiência e a voz das mulheres. No contexto do conto *Cinderela Surda*, o feminismo é crucial para compreender como as representações de gênero e as dinâmicas de poder são retratadas e questionadas. A análise feminista permite, portanto, revelar as camadas de opressão e resistência presentes na narrativa, especialmente considerando a interseccionalidade entre gênero e deficiência. Por meio de referências representativas dos feminismos na contemporaneidade, apresentamos, a seguir, algumas das suas principais discussões e contribuições.

Começamos por uma das maiores expoentes dos feminismos negros, a estadunidense bell hooks (seu nome escrito com letra minúscula como ela indica ser um posicionamento político). Seus estudos são voltados para as questões de raça, gênero, classe social e a conjunção desses fatores com sistemas de dominação e opressão. Segundo hooks (2018, p. 21), “o feminismo é um movimento para acabar com o sexismo, a exploração sexista e a opressão”. Para elucidar ainda mais a necessidade do feminismo, hooks fornece exemplos de como o sexismo e os sistemas patriarcais se manifestam no cotidiano, das disparidades salariais à violência doméstica, da falta de representação em cargos de liderança às expectativas da sociedade em relação aos padrões de beleza, ou seja, a evidência de fatos de desigualdades de gênero são numerosas e incontestáveis. A pensadora argumenta que abordar essas questões requer ação coletiva e um compromisso em mudar as normas culturais e práticas institucionais que sustentam o sexismo.

Assim, esta abordagem é fundamental para analisar *Cinderela Surda*, pois a história não apenas reconta o clássico de Perrault, ou seja, é uma história que trata das mulheres ouvintes, mas o adapta para refletir as experiências e os desafios enfrentados pelas mulheres surdas. A partir da perspectiva feminista, podemos identificar como o conto modifica as expectativas tradicionais de gênero e cria uma narrativa que pode empoderar, ou não, a protagonista surda.

Outro aspecto indicado por hooks, em relação aos estudos, é a necessidade de uma abordagem interseccional para o feminismo que reconheça e contemple as identidades

multifacetadas, pois ignorar a interseccionalidade pode levar a práticas feministas incompletas ou ineficazes. A autora exemplifica informando que mulheres pretas enfrentam discriminação racial e de gênero, diferentemente das mulheres brancas. Mulheres de maior poder econômico não enfrentam questões discriminatórias como as mulheres com menor poder econômico. No contexto da interseccionalidade, podemos levantar a hipótese de que as mulheres surdas enfrentam obstáculos sociocomunicacionais que as mulheres ouvintes não enfrentam. E, dentro desse grupo, mulheres surdas pretas têm também suas especificidades ligadas ao gênero, à raça e à condição de pessoa surda. Como exemplo na história, temos a madrasta e as irmãs adotivas de Cinderela, que são ouvintes, e frequentemente minimizam e desvalorizam suas capacidades por ela ser surda. Esse comportamento reflete uma forma de machismo que as irmãs reproduzem, que não apenas discrimina com base no gênero, mas também na condição da pessoa surda.

Judith Butler (1990), filósofa também estadunidense e uma das principais referências dos estudos de gênero, argumenta que sexo e gênero são categorias construídas socialmente, desassociando-as completamente da questão biológica: “Talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma” (Butler, 1990 *apud* Rodrigues, 2005, s.p.). Portanto, sendo construção social, “o gênero é uma performance que é continuamente reproduzida através de atos repetidos” (Butler, 1990 *apud* Rodrigues, 2005, s.p.). Butler indica, assim, que o sexo não é natural, constituindo-se como discursivo e cultural, como o gênero. No caso de *Cinderela Surda*, as ações da madrasta e das irmãs reafirmam normas de gênero opressivas e a marginalização das mulheres surdas. Ao longo do conto, Cinderela demonstra reivindicar seu espaço, especialmente ao decidir participar do baile, um ato que simboliza sua luta por reconhecimento e igualdade. Esta ação demonstra a agência e a determinação da protagonista em desafiar as expectativas de gênero e as limitações impostas pela sociedade patriarcal.

Além disso, o reconhecimento de Cinderela pelo príncipe, baseado em sua inteligência e coragem, e não apenas em sua aparência física, subverte as normas tradicionais de gênero. Este reconhecimento é um ato de resistência ao machismo, pois valoriza qualidades intrínsecas da protagonista que são frequentemente ignoradas ou subestimadas pela sociedade. Essa valorização das capacidades intelectuais e emocionais de Cinderela destaca a importância de ver as mulheres surdas como indivíduos completos e multifacetados.

O I Encontro Latino-Americano de Mulheres Surdas Líderes, realizado em 2004, foi um evento histórico para o movimento de mulheres surdas na América Latina. Este encontro teve como objetivo reunir líderes e ativistas surdas de diferentes países da região para discutir

questões sociais, políticas e culturais que impactam diretamente a vida das mulheres surdas, além de promover o fortalecimento de sua liderança e visibilidade nas esferas sociais e políticas.

O evento foi um marco importante para a construção de uma rede de apoio entre mulheres surdas, proporcionando um espaço de troca de experiências e estratégias de luta para enfrentar as desigualdades e os desafios comuns enfrentados pelas mulheres surdas em suas comunidades. Durante o encontro, foram abordados temas como educação, acessibilidade, saúde, direitos humanos e a luta contra a violência de gênero, com um foco particular na interseção das questões de gênero e na condição da pessoa surda.

A partir desse encontro, muitas das participantes passaram a ocupar espaços de liderança em suas respectivas comunidades e países, contribuindo para o avanço das pautas feministas dentro do movimento surdo. Esse evento também foi uma oportunidade para as mulheres surdas fortalecerem sua identidade e reafirmarem seu papel fundamental na sociedade, não apenas como surdas, mas também como mulheres, destacando a importância de uma perspectiva feminista inclusiva no movimento surdo.

Em 2016, ocorreu o I Encontro Nacional Feminismo e Empoderamento Surdo no Rio de Janeiro, conforme os estudos de Krause (2017). Seu objetivo era estabelecer o Programa de Política de Mulheres Surdas, direcionado especialmente para mulheres surdas de baixa renda e aquelas privadas de informações essenciais, sobre as quais parece não ter havido discussão anteriormente. Os tópicos abordados incluíram violência doméstica, Lei Maria da Penha, machismo, sexismo, objetificação do corpo da mulher e desigualdade de gênero. Krause (2017) observou que:

Existem casos de desigualdades que são vividas por todas as pessoas surdas, porém há situações que somente as mulheres surdas experienciam. Nesse sentido, mulheres surdas são partes de dois grupos minoritários, no que se refere às políticas públicas, dificuldades comunicacionais e sujeição aos diferentes tipos de violências presentes em uma sociedade que, de forma hegemônica, é ouvinte, patriarcal e misógina, fatores que agravam as condições de vulnerabilidade. Portanto, a temática sobre a condição social da mulher possui incontestável relevância, tendo na atualidade várias discussões que tratam do tema violência de gênero, porém ainda são escassas as investigações acerca da mulher surda, situação ocasionada pelo recente surgimento do movimento feminista surdo no Brasil (Krause, 2017, s.p.).

A autora destaca que os movimentos feministas são cruciais para avançar e melhorar as condições sociais das mulheres, especialmente em relação à violência. É importante observar a triste realidade da violência contra mulheres com deficiência, bem como a interseção entre raça e gênero (Krause, 2017). De acordo ainda com as pesquisas de Krause (2017), a participação das mulheres brancas e negras nos movimentos sociais marcou o início da

campanha pelos direitos humanos no Brasil. No entanto, mulheres surdas, independentemente de sua raça, assim como mulheres com outras diferenças ou deficiências, foram notavelmente excluídas dessas primeiras discussões. Isso sugere uma lacuna significativa de conhecimento sobre esses grupos e de pesquisas realizadas sobre minorias. Este ponto é corroborado por Madalena Klein e Daniele de Paula Formozo (2007) em sua pesquisa intitulada *Gênero e Surdez*.

A questão do gênero é também atravessada por outras especificidades, como raça e etnia. Em uma pesquisa deles realizada nos Estados Unidos, foi identificado que as mulheres surdas negras sofriam maior discriminação em relação às mulheres surdas brancas e até mesmo aos homens surdos negros. A questão de gênero transita em todas as esferas do tecido social, estabelecendo-se independentemente de questões étnico-raciais, geracionais, econômicas e de classe social (Mindel; Vernon, 1972 *apud* Klein; Formozo, 2007, p.7).

Klein e Formozo (2007) destacam que a trajetória das mulheres surdas é caracterizada por discriminação e exclusão. Um exemplo disso é o caso ocorrido no primeiro instituto para surdos, o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) no Brasil, onde, de 1856 até 1868, tanto alunos quanto alunas surdas eram atendidos. No entanto, a partir de 1868, as meninas foram proibidas de estudar sob o pretexto de evitar promiscuidade, sendo permitido seu retorno somente em 1932. A exclusão prolongada de meninas surdas, que ocorreu de 1868 a 1932, reflete uma atitude discriminatória que não considerou outras formas de educação para elas. Em vez de excluir as alunas, poderia ter sido mais produtivo buscar alternativas de ensino ou criar estratégias inclusivas que respeitassem as necessidades de todos os alunos e alunas. Essa exclusão teve um impacto significativo no desenvolvimento educacional e social das meninas surdas na época, afetando as gerações consecutivas.

Essa visão machista, patriarcal e conservadora resultou na exclusão das meninas do processo educacional, prejudicando seu desenvolvimento cognitivo. No entanto, décadas depois, houve um aumento da presença de mulheres surdas nos cursos de licenciatura e Pedagogia nas universidades, como observado por Madalena Klein e Daniele de Paula Formozo (2007, p. 4).

Podemos argumentar que também na educação de surdos, assim como na educação em geral, esse dado se justifique pelo fato de as mulheres serem maioria no trabalho docente, pois historicamente foi construído um discurso de que a mulher possui vocação para o magistério, que é menos uma profissão e mais um sacerdócio. Assim, a feminização do trabalho docente também acontece na comunidade surda (Garcia *et al.*, 2005 *apud* Klein; Formozo, 2007, p. 4).

O olhar dessa pesquisa, então, passa pelo viés da educação familiar e social, na qual se constroem/construíram valores diferentes de gênero, enfatizando o que seja “papel do homem” ou “papel da mulher”. Sobre esse aspecto, Perlin e Vilhalva (2016, p. 6) destacam que:

Muitos homens e mulheres recebem uma educação que tende à inferiorização de tudo que se relaciona ao feminino, e os direitos das mulheres não são efetivamente reconhecidos, permanecendo ainda mentalidade sexista e preconceituosa. Daí que a mulher surda é igualmente atingida e sofre esse problema social.

Desses diferentes modos de educar e tratar homens e mulheres, em geral, as autoras citadas (2016, p. 6) dão visibilidade à mulher surda, destacando que:

[...] a mulher surda é comparada à mulher deficiente. Muitas vezes, a sociedade continua com a educação colonialista sobre a mulher surda, sem noção de sua diferença. No momento em que somos chamadas de deficientes, somos comparadas às mulheres ouvintes. Essa é uma representação que assume aspectos de discriminação de nossa língua e cultura, pelo completo desconhecimento do valor linguístico que a língua de sinais possui e também pelo completo desconhecimento da significação do ser mulher surda, ou seja, ser uma pessoa que entende o mundo pelos olhos e necessita de informação em sua língua visual.

Percebe-se que, no decorrer dos avanços das discussões de gênero e com as mudanças nas relações de trabalho, as mulheres vêm conquistando uma ampliação no mercado, oportunizando maior visibilidade da mulher surda em espaços antes ocupados por homens em sua maioria. Nesse sentido, as mulheres surdas estão saindo do papel de coadjuvante e sendo protagonistas das suas histórias e conquistas pessoais e profissionais.

De acordo com os estudos da historiadora norte-americana Joan Wallach Scott, que trata da história das mulheres a partir da perspectiva de gênero, na abordagem de gênero/feminismo, a diferença sexual não é a causa originária dos conflitos, da qual as organizações sociais poderiam derivar; ela é, antes, uma estrutura social móvel que deve ser analisada nos seus diferentes contextos históricos (Scott, 1998). Portanto, a perspectiva de feminismo da autora deduz que a diferença entre homens e mulheres é constituída social e culturalmente, por isso passível de mudança constante.

Nesse sentido, com diálogos transdisciplinares e quanto às questões sobre feminismo surdo, pesquisamos como essas características são percebidas no plano simbólico de uma narrativa literária da Cultura Surda.

Sendo assim, esta pesquisa oferece uma interpretação do conto de fadas mencionado, inspirando outras análises ao discutir os espaços e papéis reais que as mulheres ocupam ou podem ocupar. Além disso, pode contribuir para políticas públicas afirmativas, conforme

destacado por Perlin e Vilhalva (2016, p. 6):

A inclusão das mulheres surdas será muito mais prática se desenvolvida conjuntamente com a Secretaria de Políticas para as Mulheres, que se constitui em um espaço de esperança para o empoderamento da mulher surda. Ela atua de forma conjunta com os Ministérios da Justiça, da Saúde, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome e do Trabalho e Emprego.

Na literatura feminista, os textos tratam frequentemente de temas como igualdade de gênero, discriminação, papéis tradicionais e a luta das mulheres por autonomia e reconhecimento. Esse campo literário abarca diversos gêneros, como romances, poesias, ensaios e autobiografias, e pode também incluir obras em língua de sinais.

Mulheres surdas como Kátia Lucy Pinheiro, Marianne Stumpf, Maria Araújo (Dodora), Renata Freitas, Priscilla Leonnor, uma poetisa surda negra, Clarissa Guerretta e Gabriela Grigolon, uma feminista negra, *slamer* e surda, estão conquistando espaços importantes na literatura em língua de sinais. Apesar de um passado dominado pelo machismo, essas mulheres estão agora ocupando seu lugar e fazendo um impacto significativo na cena literária.

Por todos esses fatores, destacamos a condição da mulher surda na sociedade atual e na literatura surda, e tomamos a perspectiva do verbo-visual, que trata da formação da estrutura social e linguística, a partir da cultura de um grupo e dos recursos da literatura para transmitir significações, bem como o que a literatura traz a respeito do equilíbrio nas relações de gênero. Com essas bases teóricas, pretendemos analisar, tomando o conto da *Cinderela Surda*, o lugar da mulher nas imagens, nos diálogos, na narrativa, além da realidade socioeconômica e cultural que retrata a imagem da mulher surda.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica desta dissertação se apoia nas obras de Mikhail Bakhtin e no Círculo de Bakhtin, com especial atenção às interpretações de Beth Brait. Bakhtin (1981, 1993) trouxe à luz a importância do dialogismo, da polifonia e da heteroglossia, conceitos fundamentais para entender como a linguagem se manifesta de maneira multifacetada e interativa na narrativa literária. Esses conceitos são essenciais para a análise do conto *Cinderela Surda*, especialmente no que tange às representações culturais e de gênero.

Beth Brait (1997, 2005), como uma das principais intérpretes de Bakhtin no Brasil, amplia a compreensão das categorias bakhtinianas ao aplicá-las no contexto verbo-visual, explorando as interações entre texto e imagem. Sua contribuição é vital para a análise de *Cinderela Surda*, uma obra que combina elementos verbais e visuais para criar significados complexos e multifacetados.

A análise fundamenta-se, portanto, no diálogo entre as teorias bakhtinianas e as interpretações de Brait, explorando como essas teorias podem revelar as camadas de significação presentes na narrativa. Por meio dessa abordagem, a pesquisa busca desvelar as representações do feminino no conto, articulando-as com as questões culturais, sociais e históricas da comunidade surda.

A cultura surda, como descrito por Karnopp (2008), Sá (1999) e Strobel (2009), inclui uma variedade de aspectos que contribuem para a construção da identidade surda. Esses aspectos incluem a língua de sinais, que é um elemento central da identidade e da cultura surdas; valores compartilhados, que definem a coesão da comunidade; e a produção artística, que expressa e preserva as experiências e as visões de mundo da cultura surda.

Os artefatos culturais surdos relevantes para esta pesquisa incluem experiências visuais, artes visuais e literatura surda. As experiências visuais referem-se à interação do surdo com o mundo através da visão, como descrito por Perlin e Miranda (2003). Essa forma de interação molda a percepção e a interpretação do ambiente ao redor dos indivíduos surdos, influenciando a forma como eles experienciam e representam a realidade.

As artes visuais incluem manifestações artísticas que refletem a experiência surda, como mencionado por Strobel (2015), tais quais desenhos, pinturas, grafismos, esculturas, vídeos, ilustrações, etc. Essas artes visuais servem como uma forma de expressão cultural e criativa que captura aspectos únicos da vivência surda e contribui para a identidade cultural da comunidade.

A literatura surda é uma forma de expressão que transmite as experiências e marcas culturais da comunidade surda, desempenhando um papel crucial no desenvolvimento

educacional e social. Strobel (2015) destaca que a literatura surda é um meio importante para o compartilhamento de histórias e experiências que fortalecem a coesão e a identidade cultural surda.

Compreendemos, a partir dos estudos sobre a cultura surda, que a linguagem simbólica constitui elaborações e representações de sentidos culturais, fundamentais para a análise de gênero. Nesse sentido, com a pesquisa focalizada na mulher surda, pretendemos, através da análise de *Cinderela Surda*, entender as camadas de significações de gênero e suas especificações como agrupamento social. Buscamos compreender os conceitos e perceber o impacto nas produções literárias da comunidade surda, sobretudo no corpus analisado nesta dissertação.

3.1 O verbo-visual

O conceito de verbo-visual, desenvolvido por Beth Brait, refere-se à interação entre elementos verbais e visuais na comunicação. No contexto do conto *Cinderela Surda*, que é uma adaptação da história *Cinderela*, com uma perspectiva da cultura surda, o verbo-visual é crucial para entender como a narrativa se comunica e representa as experiências e os valores da comunidade surda. Por exemplo, a inclusão de Libras no texto e suas representações visuais fornecem uma rica camada de interpretação, que diferencia o conto de sua versão tradicional. A Libras é apresentada visualmente e ajuda a destacar a autenticidade cultural e a expressão da identidade surda. As ilustrações no conto podem refletir aspectos culturais e sociais da comunidade surda. Examinar como essas imagens interagem com o texto pode revelar a complexidade da representação visual.

A metodologia com a abordagem qualitativa examina como o verbo-visual e a ideologia se manifestam no texto e nas ilustrações, e como esses elementos influenciam a percepção dos leitores surdos e ouvintes. Considerando o contexto cultural da comunidade surda e como ele impacta a interpretação do conto, investigaremos também como a representação verbo-visual contribui para a compreensão da identidade da mulher surda e das dinâmicas de gênero no conto.

Conforme Bakhtin (2003, p. 261), o uso da língua se materializa por meio de “enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana”. Essa afirmação ressalta a natureza dinâmica e específica da linguagem, que se manifesta de maneira concreta e singular através dos enunciados produzidos pelos participantes de diferentes esferas de atividade humana.

Dessa forma, a linguista Beth Brait (2009, p. 143) contribuiu nessa questão:

[...] Essa unidade de sentido, esse enunciado concreto, por sua vez, será constituído a partir de determinada esfera estético-ideológica, a qual possibilita e dinamiza sua existência, interferindo diretamente em suas formas de produção, circulação e recepção.

A abordagem verbo-visual, conforme proposta por Brait (2009), descreve um enunciado estruturado por meio de um plano discursivo em que o verbal e o visual têm a mesma importância e intensidade. Essa interação entre os elementos verbais e visuais não permite a análise isolada de uma modalidade; em vez disso, a união desses componentes cria um significado integral e coeso. No contexto de *Cinderela Surda*, essa perspectiva é crucial para a compreensão de como o texto combina linguagem escrita, imagens e outros elementos visuais para construir uma narrativa.

A fundamentação teórica aqui apresentada serve para embasar a análise do conto, conectando o conceito de verbo-visual com a metodologia e os objetivos da pesquisa. Exemplos concretos e a conexão com outras seções da pesquisa contribuem para uma compreensão mais clara e aprofundada do impacto da abordagem verbo-visual na análise proposta.

3.2 O sentido

De acordo com Bakhtin (2011), no texto *A estética da criação verbal*, o sentido é construído pelas pessoas através de suas interações sociais e é moldado pelo ambiente em que vivemos e pelas relações que estabelecemos com os outros. O sentido atribuído às coisas em um determinado contexto reflete o conhecimento que temos desse contexto. Em outras palavras, nossa compreensão da realidade é influenciada pelo meio em que estamos inseridos. Assim, entender o sentido e o significado das coisas ao nosso redor facilita a compreensão da nossa própria realidade.

Nessa perspectiva, a análise da ligação entre o que é dito e o que é mostrado – especialmente no contexto de produções verbo-visuais, como o conto *Cinderela Surda* – é crucial para compreender como as pessoas constroem sentido a partir do que veem e “ouvem”. Este processo envolve uma base teórica que nos permite explorar como os elementos verbais e visuais interagem para criar significados.

Para ilustrar, ao observarmos como as imagens e o texto se complementam e se inter-relacionam em *Cinderela Surda*, podemos identificar como esses elementos contribuem para a

construção do sentido da narrativa e para a representação da identidade surda. Por exemplo, a forma como os personagens são retratados visualmente pode influenciar a percepção do leitor sobre suas características e papéis sociais, enquanto o texto pode oferecer contextos e detalhes que enriquecem essa interpretação visual.

De acordo com Brait (2009, p. 143), “a dimensão verbo-visual da linguagem participa ativamente da vida em sociedade e, conseqüentemente, da constituição dos sujeitos e das identidades”. O conto *Cinderela Surda* pode ser interpretado como um texto verbo-visual, no qual se encontram elementos verbais e não verbais que carregam sentidos profundos e interação de maneira dialógica.

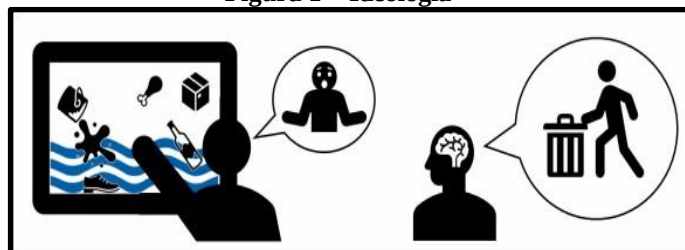
O conceito de sentido é relevante para a análise do conto, fornecendo exemplos concretos que mostram como a combinação de elementos verbais e visuais afeta a construção dos significados sociais.

3.3 A ideologia

Para Bakhtin (2011), a ideologia é essa dupla face que faz com que o signo se mantenha na história e também se transforme na interação verbal. Podemos definir a ideologia, portanto, como um conjunto de valores e de ideias que se constitui através da interação verbal de diferentes sujeitos, pertencentes a diferentes grupos socialmente organizados na história concreta.

Utilizamos como exemplos as imagens e os estudos criados pelos pesquisadores João Oliveira Filho e Ednéia Alves (2019), por se tratar de um mesmo aspecto da investigação. A Figura 1, por exemplo, ilustra como a percepção sobre a importância das lixeiras para a preservação ambiental reflete um contexto social e histórico específico, demonstrando a função da imagem como símbolo ideológico.

Figura 1 – Ideologia



Fonte: Oliveira-Filho e Alves (2019, p. 44).

Ao ver a Figura 1, alguém pode perceber a importância de colocar lixeiras para evitar

danos ambientais, como enchentes durante as chuvas, ao se deparar com um rio poluído. Essa pessoa entende o contexto social e histórico em que está inserida. Assim, a imagem também é um símbolo de ideologia (Oliveira-Filho; Alves, 2019).

A palavra “ideologia” refere-se a significados sociais representados em símbolos compartilhados entre pessoas que interagem. É importante diferenciar entre a ideologia e o objeto. Por exemplo, uma pessoa vê uma mesa como um objeto sem necessariamente ter uma ideologia associada a ela, porque a mesa é apenas um instrumento (Oliveira-Filho; Alves, 2019). No entanto, quando essa pessoa interage com a mesa e lhe atribui significados, a ideologia surge. Quando alguém interage com um objeto e lhe atribui significados, esse objeto se transforma, como acontece com o pão e o vinho, que podem ter diferentes ideologias em contextos sociais e históricos distintos. Veja a Figura 2 para entender a ideologia por trás da palavra “pão” (Oliveira-Filho; Alves, 2019).

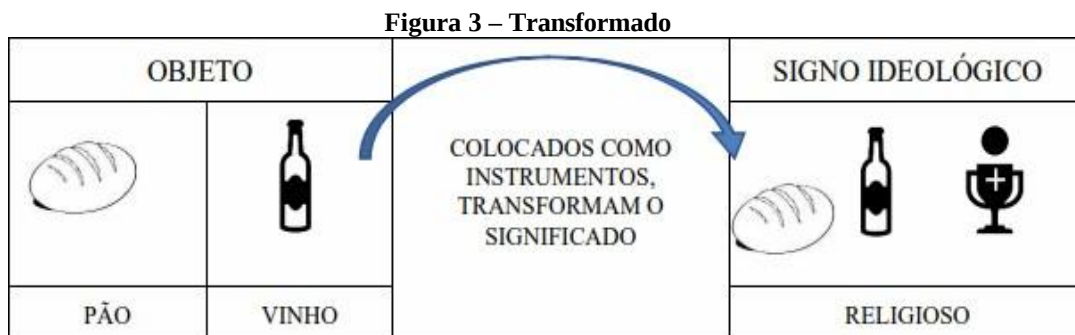


Fonte: Oliveira-Filho e Alves (2019, p. 45).

O autor nos afirma que, na Figura 2, há dois significados ideológicos para a palavra “pão”: no primeiro, o pão representa comida para o corpo; enquanto no segundo, representa comida para a alma, trazendo uma ideologia religiosa que simboliza a ressurreição de Cristo. Sobral (2008) explica a interação entre a sociedade, os sujeitos e a ideologia, que resulta no signo ideológico:

[...] a sociedade é constituída pelos sujeitos e, ao mesmo tempo, constitui os sujeitos; a ideologia precisa da psique para ter sentido e a psique é afetada pela ideologia, e as duas convergem na formação do chamado signo ideológico, um signo que resulta de avaliações sociais e pessoais do mundo concreto (Sobral, 2009, p. 50).

A Figura 3 mostra como os objetos transformam seus significados e passam a representar símbolos ideológicos.



Fonte: Oliveira-Filho e Alves (2019, p. 46).

Nessa imagem, fica claro como a linguagem se relaciona com o signo ideológico. Podemos perceber que objetos, quando usados como ferramentas, mudam seus significados e passam a ter outros sentidos, tornando-se signos ideológicos (Bakhtin, 2006 *apud* Oliveira-Filho, Alves, 2019).

A consciência individual se nutre dos signos, cresce a partir deles, reflete em si a sua lógica e as suas leis. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação sógnica de uma coletividade. Se provarmos a consciência do seu conteúdo sógnico ideológico, não sobrar absolutamente nada dela. A consciência apenas pode alojar-se em uma imagem, palavra, gesto significante, etc. Fora desse material, resta um ato fisiológico puro, não iluminado pela consciência, isto é, não iluminado nem interpretado pelos signos (Bakhtin, 2018 *apud* Oliveira-Filho; Alves, 2019).

A análise dos objetos, como os alimentos, revela que, enquanto isoladamente são apenas elementos de consumo, em conjunto, eles adquirem significados diferenciados que refletem contextos ideológicos específicos. A consciência individual, então, se desenvolve e reflete a partir dos signos, sendo fundamental para a comunicação ideológica e a interação sógnica de uma coletividade (Bakhtin, 2018 *apud* Oliveira-Filho; Alves, 2019).

A ideologia, conforme discutido por Bakhtin, não se limita apenas aos significados imediatos dos objetos ou ações individuais, mas está profundamente enraizada nas interações sociais e culturais que atribuem a esses elementos um novo significado. No conto *Cinderela Surda*, essa dinâmica ideológica é evidente na maneira como os elementos da narrativa tradicional são reconfigurados para refletir as experiências e perspectivas da comunidade surda.

Essa abordagem permite uma compreensão mais rica e profunda das camadas de

significado presentes no conto, destacando não apenas a representação da mulher surda, mas também as interações ideológicas que moldam essa representação.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, que é conceituada por Maria Marly Oliveira (2005, p. 41) como “um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo estruturação”. Este tipo de abordagem permite uma investigação aprofundada dos fenômenos sociais e culturais, proporcionando uma compreensão rica e detalhada das experiências e perspectivas dos participantes envolvidos.

Para a coleta de dados, focamos na história *Cinderela Surda*. A análise documental é realizada através da técnica de análise de dados qualitativa, que envolve a codificação e a categorização dos dados, bem como a identificação de padrões e temas emergentes. Segundo Bardin (2016), a análise de conteúdo é um método eficaz para a interpretação de dados qualitativos, permitindo uma análise sistemática e objetiva das mensagens contidas nos documentos.

Com o objeto e o objetivo no estudo da cultura surda, esta pesquisa propõe uma discussão sobre a figura da mulher surda no conto de fadas, analisando as linguagens verbal e não verbal. A análise das linguagens verbal e não verbal é crucial, pois, conforme aponta Bakhtin (1981), a compreensão do discurso envolve não apenas as palavras faladas ou escritas, mas também os contextos culturais e históricos nos quais essas palavras são produzidas e interpretadas.

Essa abordagem metodológica permite uma análise aprofundada das representações da mulher surda no contexto do conto *Cinderela Surda*, oferecendo *insights* valiosos sobre as dinâmicas de gênero e as especificidades culturais da comunidade surda.

4.1 Corpus

Veja a Figura 4, que exibe a capa do conto de fadas *Cinderela Surda*, a obra literária que compõe o corpus deste estudo. Escrita por Carolina Hessel Silveira, Lodenir Becker Karnopp e Fabiano Souto Rosa, essa adaptação foi publicada em 2003 e comemorou 20 anos de sua publicação em 2023. O conto reimagina a clássica história de Cinderela, famosa mundialmente na versão de Charles Perrault, lançada em 1697 na obra *Contos da Mamãe Gansa*, adaptando-a para a perspectiva inclusiva da comunidade surda.

No livro *Cinderela Surda*, além da língua portuguesa, são utilizadas a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e elementos da escrita de sinais. A obra foi adaptada para incluir a

perspectiva da comunidade surda, trazendo representações visuais e verbais que abordam a cultura surda e a experiência de ser surdo. Embora o texto principal esteja em português, a narrativa também utiliza os sinais de Libras para enriquecer a compreensão da história e proporcionar uma experiência mais inclusiva, conectando os leitores surdos com a obra de uma maneira significativa.

Figura 4 - Capa Cinderela Surda



Fonte: Hessel, Karnopp e Rosa (2003).

Apresenta-se como referência na literatura surda abordada nas salas de aulas dos diferentes níveis de ensino. Segundo os escritores, a obra adaptada tem por objetivo recontar a partir de uma outra cultura, isto é, na perspectiva da cultura surda.

A obra apresenta ilustrações coloridas, as quais, de acordo com os autores, foi um trabalho “construído a partir de uma experiência visual, com imagens, com o texto reescrito, dentro da cultura e da identidade surda e da escrita da língua de sinais” (Hessel; Rosa; Karnopp, 2003, p. 5).

4.1.1 Resumo do livro *Cinderela Surda*

O conto de fadas traz a história de Cinderela, a personagem principal, que é surda e tem um príncipe que também é surdo. Cinderela aprendeu a língua de sinais francesa, quando ainda era pequena, na comunidade surda em Paris. O rei e a rainha, pais do príncipe, convidam o professor L’Epée para ensinar a língua de sinais francesa para o príncipe, que era o herdeiro do trono.

Cinderela surda era muito jovem, bondosa e simpática, sua mãe morreu quando ainda

era criança. O pai de Cinderela casou-se novamente com uma segunda mulher. A madrasta da Cinderela surda era malvada, tinha duas filhas ouvintes, que não faziam nada, eram superfolgadas. A Cinderela surda sempre trabalhava na casa e fazia tudo. A madrasta e as irmãs não gostavam da Cinderela surda nem estavam satisfeitas com o que ela fazia, elas mal conversavam, pois não sabiam muitos sinais.

Em um belo dia, chegou uma carta convite de um príncipe, que escolheria a sua amada para casar. A madrasta ficou muito feliz com o convite, pois esta seria uma ocasião perfeita para casar uma das suas filhas.

No dia do baile, a madrasta vestiu suas filhas com vestidos, porém elas estavam simples. A Cinderela surda pediu para ir junto, mas a madrasta não deixou ela ir para o baile, disse que ficaria em casa. Mesmo implorando, não deixaram ela ir, pois disseram que ela não tinha uma roupa bonita para a ocasião. Deram as costas para ela e disseram: “Tchau, Cinderela!”.

A Cinderela surda chorou muito e ficou bem abalada. De repente, surgiu uma fada-madrinha que disse para ela não chorar, pois iria ajudá-la, com um vestido lindo, uma carruagem e lindas luvas rosa. A fada falou isso tudo em sinais para a Cinderela. O vestido que era simples se transformou em um belíssimo vestido de baile; vestiu-a com lindas luvas rosa; transformou uma abóbora em uma linda e grande carruagem; e o ratinho se transformou no cocheiro para conduzir a carruagem. A fada sinalizou para a Cinderela surda: “Preste atenção no horário de retornar para casa: à meia noite, você precisa voltar para casa, pois o feitiço acabará nesse horário”.

A Cinderela surda chegou às pressas no baile, que já havia começado. Quando ela chegou, todos ao redor olharam para ela, principalmente o príncipe, que ficou encantado com a sua aparição. O príncipe foi ao encontro da Cinderela surda, estendeu-lhe a mão pedindo para dançar uma valsa com ele, e ela sinalizou: “Sou surda”. E ele respondeu de forma surpresa: “Eu também sou surdo”. Daí em diante, começaram a conversar e, sem perceber, o tempo passou. Quando a Cinderela surda olhou para o relógio, já era quase meia-noite. Cinderela lembrou o que a fada disse e, com muito medo, deu tchau e saiu correndo. O príncipe segurou na mão dela e acabou ficando com uma das luvas na sua mão. A Cinderela surda entrou na carruagem e foi embora. O príncipe não conseguiu se despedir dela e nem entregar a luva que ela havia deixado.

No dia seguinte, o príncipe pediu para que todas as casas do seu reino fossem visitadas para encontrar a Cinderela surda e foi testando nas mãos de cada moça surda daquela cidade a luva rosa que ela havia deixado. Várias provaram a luva, mas não dava em nenhuma delas. O príncipe foi até a casa de Cinderela surda, chegando lá, a madrasta dela afirmou que suas duas filhas eram surdas, mentindo de forma descarada. As irmãs testaram, mas a luva não serviu em

nenhuma delas. Um dos funcionários percebeu que tinha uma moça na cozinha, perguntou a madrastra quem era ela, e a madrastra respondeu dizendo que era a empregada da casa. O funcionário disse que era uma ordem que todas as moças surdas experimentassem a luva rosa. E para surpresa de todos, a luva rosa coube perfeitamente na Cinderela surda. O príncipe surdo casou com a Cinderela surda e foram felizes por muito tempo.

4.2 Análise dos dados

A análise do verbo-visual no conto permite observar como a linguagem de sinais e os elementos visuais são usados para criar e transmitir significados que não são acessíveis apenas por meio da linguagem escrita ou falada. Dessa forma, ao analisarmos a obra, seguimos os seguintes passos:

- Verificar o texto do conto *Cinderela Surda* e também as imagens do livro sobre as representações que podem ser encontradas nas imagens e nos signos escritos ou sinalizados (em Libras) no verbo-visual;
- Verificar a relação de sentido entre o verbal e o visual, considerando os aspectos ideológicos da comunidade surda, com enfoque nas mulheres surdas.
 - Primeiro: Representação imagética e em português, detalhes históricos e ideológicos da comunidade surda;
 - Segundo: Representação da contextualização da figura: analisar os aspectos ideológicos, a língua de sinais e a representatividade imagética.

Na análise, consideramos que a palavra – no caso, a Libras escrita –, o português e a imagem são signos que expressam significados. Ambos se complementam na produção de sentido e possuem o mesmo grau de importância.

5 A IDEOLOGIA PRESENTE NA PERSONAGEM CINDERELA SURDA

Neste capítulo, apresentamos os resultados da análise da verbo-visualidade no livro *Cinderela surda*. Seguimos a compreensão de Brait (2009) sobre verbo-visual, que, na literatura surda, se refere à interação entre elementos visuais e linguísticos, especialmente na representação de narrativas e significados dentro da cultura surda.

No contexto do livro *Cinderela surda*, o verbo-visual é fundamental para transmitir não apenas a história, mas também as complexas questões sociais e culturais enfrentadas pela comunidade surda. A Cinderela surda é a protagonista do conto, uma mulher cuja condição de pessoa surda é central para sua identidade e trajetória. A forma como ela é retratada reflete ideologias que envolvem tanto a condição de ser surda quanto a de ser mulher.

A mulher surda, pertencente a dois grupos com minorias de direitos, é duplamente oprimida. Ela é vista pelo senso comum como “coitadinha” ou indefesa, de modo que a misoginia perpetuada na sociedade é somada ao ouvintismo, opressão sofrida pelos surdos em uma sociedade majoritariamente ouvinte. Dessa forma, envolta de tantas imagens de si, do que é ser surda, do que é ser mulher, vive duplamente a dificuldade de construir sua própria identidade e autonomia. É colocado em cheque seu entendimento, sua independência, sua capacidade de comunicar-se e relacionar-se socialmente, de indignar-se, de pensar e de viver normalmente (Ribeiro, 2017, p. 7).

Como mulher surda, a Cinderela surda enfrenta múltiplas camadas de exclusão e discriminação, que a posicionam à margem de diversos contextos sociais, culturais, políticos e econômicos. Essa marginalização evidencia ideologias relacionadas à injustiça social e de gênero, em que a condição de pessoa surda e o fato de ser mulher se entrelaçam, amplificando os desafios enfrentados pela personagem.

A ideologia presente em *Cinderela Surda* pode ser compreendida pela maneira como a personagem é representada enquanto mulher surda. Sua posição em relação ao poder e à marginalização, e como sua história reflete ideologias de inclusão, diversidade e empoderamento, oferecem uma visão crítica sobre as experiências das mulheres surdas na sociedade.

No entanto, *Cinderela Surda* também simboliza resistência e superação. A sua história pode ser vista como um testemunho de empoderamento, em que a personagem supera as adversidades impostas pela sua condição de mulher surda. Ela não é apenas uma figura passiva; sua trajetória reflete ideologias de independência e resiliência, sugerindo que as mulheres surdas, apesar das barreiras, podem alcançar seus objetivos e afirmar sua identidade. Essa produção literária, ao explorar o lugar da mulher surda nas esferas discursivas, busca

também criar um equilíbrio nas relações de gênero dentro da comunidade surda. As esferas discursivas, conforme definidas por Mikhail Bakhtin (1986), são os espaços nos quais os discursos são moldados e interpretados socialmente.

No caso das adaptações de contos como *Cinderela Surda*, essas esferas englobam tanto o discurso literário quanto o discurso social, permitindo uma análise mais aprofundada de como as questões de gênero e identidade são negociadas e representadas.

A narrativa destaca a importância da língua de sinais para a identidade surda e a cultura surda. Na obra *Cinderela Surda*, a língua de sinais é representada não apenas como um meio de comunicação, mas como parte essencial da identidade da personagem principal. Em passagens que descrevem suas interações com outras personagens surdas e o modo como ela compreende o mundo ao seu redor, fica claro que a língua de sinais é o canal através do qual Cinderela expressa seus sentimentos, emoções e desejos.

A cena em que Cinderela interage com a fada-madrinha, por exemplo, é particularmente simbólica: a fada compreende e se comunica com Cinderela através da língua de sinais, o que reforça a importância da cultura e da identidade surda na narrativa. Esse uso da língua de sinais sublinha a autonomia e a identidade da personagem, mostrando como ela se conecta com sua comunidade e reivindica seu lugar no mundo.

A síntese de *Cinderela Surda*, realizada pelos autores, nos fornece pistas sobre as especificidades desta literatura, como a valorização do uso da língua de sinais, a presença de protagonistas surdos e a exploração de temáticas comuns na comunidade surda. A autora enfatiza que essas abordagens, muitas vezes, recontam experiências de pessoas surdas, contribuindo para possibilitar o contato com visões diferentes sobre suas vivências e para se pensar possíveis desfechos de relações conflituosas ou desafiadoras enfrentadas por eles (Karnopp, 2010 *apud* Gomides; Carvalho; Rocha, 2021, p. xx).

Ao analisarmos os dados no verbo-visual conforme os construtos de Beth Brait, compreendemos de forma mais complexa a interação entre linguagem, cultura e ideologia na literatura surda.

[...] o objetivo é insistir, mais uma vez, nas especificidades do que venho denominando, há alguns anos, dimensão verbo-visual de um enunciado, de um texto, ou seja, dimensão em que tanto a linguagem verbal como a visual desempenham papel constitutivo na produção de sentidos, de efeitos de sentido, não podendo ser separadas, sob pena de amputarmos uma parte do plano de expressão e, conseqüentemente, a compreensão das formas de produção de sentido desse enunciado, uma vez que ele se dá a ver/ler, simultaneamente (Brait, 2013, p. xx).

Essa análise considera não apenas o texto verbal, mas também as representações visuais e sua relação com a ideologia presente na obra, especialmente no que diz respeito às

experiências e lutas da comunidade surda por reconhecimento, identidade e inclusão.

5.1 A esfera discursiva do conto *Cinderela Surda*

A adaptação de *Cinderela Surda* (Hessel; Rosa; Karnopp, 2003), similarmente a outras adaptações, como *Adão e Eva Surdos* (Rosa; Karnopp; Alano, 2005), *Patinho Surdo* (Karnopp; Rosa; Alano, 2011) e *Rapunzel Surda* (Hessel; Rosa; Karnopp, 2011), ocorre em um contexto histórico no qual a comunidade surda passou a ganhar maior visibilidade, especialmente com o reconhecimento oficial da Libras pela Lei Federal nº 10.436/2002 e o Decreto nº 5.626/2005. Sobre esse marco, Lebedeff (2005, p. 179) nos informa: [...] “foi em 2003 que apareceram no mercado editorial os primeiros textos impressos escritos por surdos e para surdos que refletem aspectos interessantíssimos da cultura surda, através de uma intertextualidade intencional”. Destacamos também a criação dos cursos de Letras Libras e dos cursos livres de Libras, promovidos pelo Ministério da Educação (MEC), que tiveram início com a graduação em 2006. Antes desses marcos, as lutas da comunidade surda por reconhecimento linguístico e cultural aconteciam por meio de ações promovidas por movimentos surdos e associações de surdos, que buscavam o reconhecimento da Libras como língua oficial e a inclusão dos surdos em espaços educacionais e culturais.

Movimentos surdos podem ser entendidos como movimentos sociais articulados a partir de aspirações, reivindicações, lutas das pessoas surdas no sentido do reconhecimento de sua língua, de sua cultura. Esses movimentos se dão a partir dos espaços articulados pelos surdos, como as associações, as cooperativas, os clubes, onde “jovens e adultos surdos estabelecem o intercâmbio cultural e linguístico e fazem o uso oficial da Língua de Sinais” (Feneis, 1995, p. 10 *apud* Klein, 2005, p. 20).

No cenário global, o aumento no número de adaptações literárias advém de um impulso com os avanços tecnológicos de comunicação. A tecnologia digital, ou seja, a internet e as plataformas de vídeo, desempenhou um papel crucial para a comunidade surda, promovendo a facilidade do acesso às informações, por exemplo, na criação e no compartilhamento de vídeo em Libras, tornando-se uma ferramenta poderosa para a divulgação da literatura surda.

Já em relação às tecnologias de registro, comunicação e divulgação, podemos fazer referência desde produções como as poesias gravadas em VHS no final dos anos 1990 e início dos anos 2000, até o uso mais recente de *e-books*, aplicativos de celular e, principalmente, vídeos no YouTube. Com a ampliação e a popularização desses recursos, a literatura surda tem alcançado mais espaços e leitores/espectadores, passando inclusive a ser disciplina lecionada no Ensino Superior, nos cursos de Letras-Libras (Pimenta, 1999 *apud* Sutton-Spence, 2021, p. xx).

Ao analisarmos *Cinderela Surda* dentro do contexto das esferas discursivas, podemos entender como a literatura surda não apenas reflete as experiências culturais da comunidade surda, mas também oferece uma plataforma para refletirmos sobre as construções de gênero.

Como argumenta Bakhtin (1986), os discursos são sempre polifônicos, e a narrativa de *Cinderela Surda* ecoa múltiplas vozes, especialmente ao visibilizar as experiências das mulheres surdas em sua luta por igualdade e reconhecimento. Através dessa releitura, é possível visibilizar a realidade das mulheres surdas, especialmente no que tange às suas lutas por reconhecimento e igualdade em uma sociedade que ainda é, em muitos aspectos, surdo à sua existência.

5.2 A ideologia feminista no conto *Cinderela Surda*

É importante destacar que mais da metade da população surda mundial é composta por mulheres, como já vimos pelos dados da *World Deaf Federation* (WDF). No Brasil, os debates acerca das condições sociais da mulher surda são recentes. Segundo estudos de Krause (2017), foi somente em 2016 que ocorreu o I Encontro Nacional: Feminismo e Empoderamento Surdo, no Rio de Janeiro, evento que visou à criação de um programa de políticas voltadas especificamente para as mulheres surdas, com foco naquelas de menor poder aquisitivo e que carecem de acesso à informação.

A invisibilidade das mulheres surdas em discussões de gênero pode ser atribuída ao fato de que elas enfrentam uma dupla marginalização: pertencem a dois grupos minoritários, sendo mulheres e surdas. Krause (2017) reforça que as mulheres surdas estão sujeitas a múltiplos tipos de violência em uma sociedade predominantemente ouvinte, patriarcal e misógina.

Ainda que os movimentos feministas tenham alcançado avanços significativos, há um longo caminho a ser percorrido para incluir, de forma efetiva, as mulheres com deficiência e, mais especificamente, as mulheres surdas nas pautas feministas, principalmente no que tange à violência de gênero e à interseccionalidade entre raça, classe e deficiência.

Os contos de fadas, por sua natureza, têm uma longa tradição de refletir as normas e os valores das sociedades que os produzem. Segundo Silva *et al.* (2019), ao longo da história no ocidente europeu e, por consequência, em regiões colonizadas como o Brasil, a opressão às mulheres acarretou o apagamento de diversas narrativas femininas. O autor salienta que, por muitos séculos, as mulheres seguiram sendo narradas pelos homens, e estes, por sua vez, seguiram determinando que o papel da mulher seria apenas o de perpetuar o ciclo familiar, colocando-a em status de inferioridade quando comparadas ao prestígio social ocupado pelo

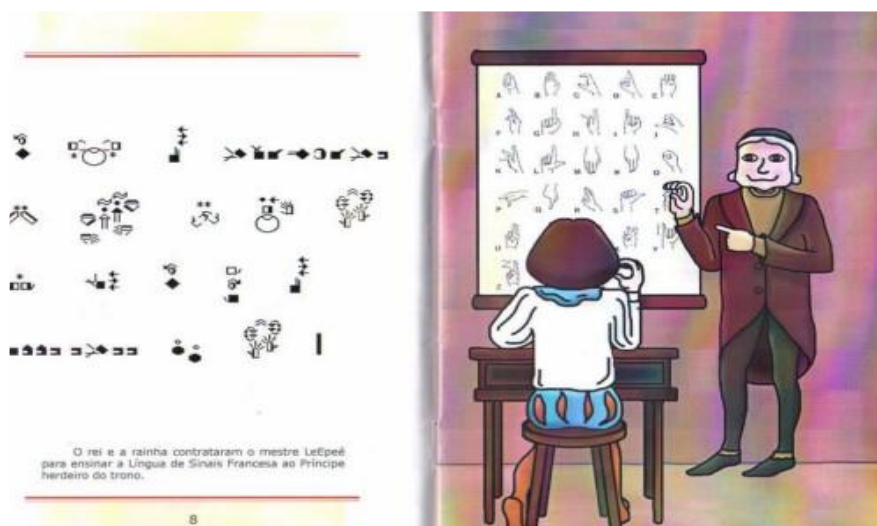
sexo masculino.

Para Nogueira (1991), os pensadores e escritores dessa tradição masculina entendiam que a mulher tinha um papel negativo e explicitam essa defesa: “Verdadeiramente, não existe mais que um sexo, o masculino. A fêmea é um macho deficiente. Não é então surpreendente que este débil ser, marcado pelas *imbecillitas* de sua natureza, a mulher, ceda às tentações do tentador, devendo ficar sob tutela” (Nogueira, 1991, p. 105).

Os contos de fadas quando adaptados pela perspectiva surda, como é o caso de *Cinderela Surda*, assumem novas camadas de significado, dialogando tanto com as questões de identidade cultural quanto com as questões de gênero. As releituras de contos tradicionais feitas atualmente, por autores e autoras surdas, vão além da simples transposição para uma linguagem acessível; elas reimaginam as histórias de forma a incorporar a experiência surda e, ao mesmo tempo, oferecem uma crítica às estruturas de poder vigentes, especialmente no que se refere ao papel da mulher dentro e fora da comunidade surda.

Esse contexto reforça a necessidade de visibilizar a realidade da mulher surda em debates feministas e em produções culturais. O fato de que Cinderela surda é a protagonista e assume um papel de destaque em sua história questiona as normas estabelecidas de gênero e propõe novas formas de subjetividade, especialmente para grupos historicamente marginalizados, como destaca Butler (1990).

Figura 5 – Professor mestre



Fonte: Hessel, Karnopp e Rosa (2003).

Glosa do texto em escrita de sinais:

**“SINAL PRÍNCIPE NOME P-R-Í-N-C-I-P-E MORA CASTELO ESTUDAR
APRENDER LÍNGUA DE SINAIS JUNTO PROFESSOR SINAL NOME L'-E-P-É-E
ENSINA LÍNGUA DE SINAIS”**

Na Figura 5, o príncipe tem aula com o professor Mestre L'Épée, reconhecido por seu trabalho na educação de surdos. A análise imagética nos indica que a educação era voltada para homens nobres. Embora Cinderela seja surda e da nobreza, ela não é posta em contextos de ensino.

A ausência de meninas surdas na sala de aula, descrita na figura, não é um detalhe trivial; ela reflete a realidade histórica de que as mulheres, especialmente as surdas, foram sistematicamente excluídas da educação formal. Na época em que o trabalho pioneiro de educadores como o Mestre L'Épée florescia, a educação para surdos era majoritariamente voltada para meninos. A exclusão das mulheres do ensino, seja formal ou de línguas de sinais, reflete as dinâmicas de poder patriarcais e ouvintistas, que viam as mulheres como menos capazes ou menos merecedoras de acesso à educação, perpetuando assim sua marginalização social. Segundo Karnopp (2008), “as mulheres surdas enfrentaram, durante séculos, uma dupla exclusão, por serem surdas e por serem mulheres, o que limitava seu acesso à educação e a outros direitos básicos”. Esse cenário de exclusão educacional é emblemático de uma sociedade que não via as mulheres, especialmente as surdas, como sujeitos de direitos plenos, perpetuando, dessa forma, a subordinação feminina dentro e fora da comunidade surda.

Figura 6 – A carta do baile



Fonte: Hessel, Karnopp e Rosa (2003).

Glosa do texto em escrita de sinais:

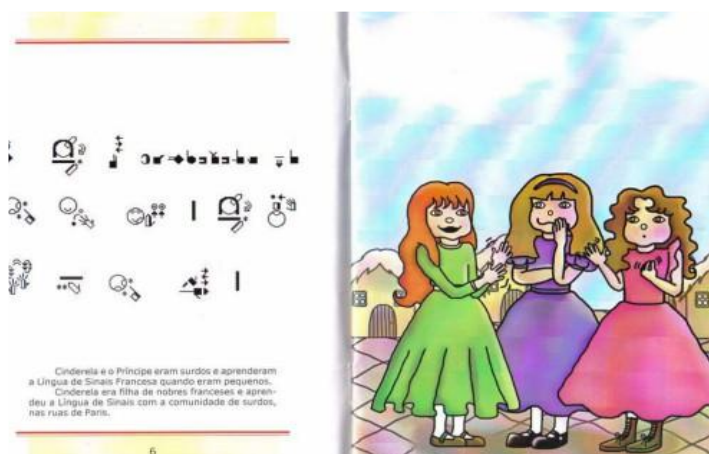
“SURPRESA RECEBER CARTA É FESTA CASTELO PRÍNCIPE, MADRASTA LER CARTA SINAL-IRMÃ-1 SINAL-IRMÃ-2 ANSIOSA PORQUE TER FESTA, CINDERELA CURIOSA QUER SABER O QUE CARTA.”

A Figura 6 ilustra a cena em que a carta do príncipe é recebida. A imagem mostra as reações das personagens, com a madraستا e suas filhas expressando alegria e entusiasmo ao lerem o convite. A mãe no centro, em destaque, e as filhas ao seu lado significam que estão unidas, uma apoiando a outra. Cinderela, por outro lado, está em segundo plano, observando a situação com curiosidade e incerteza, destacando sua exclusão e marginalização dentro da família. A sua condição de órfã de mãe a coloca em uma posição vulnerável, em relação à madraستا e suas filhas. Nesse convívio, as falas expressam a cultura do ouvinte, que é diferente para a pessoa surda. Esse isolamento social existe ainda hoje, como afirma Matter (2018, p. 18): “Pois muitas crianças surdas têm relação somente com a comunidade ouvinte, sendo que seus pais e familiares são ouvintes, desta forma o isolamento social, por não pertencer ao mesmo grupo, acontece como consequência, acabando por ficar sem contato e no isolamento”.

A carta convite do príncipe para o grande baile marca um ponto de virada na narrativa. O baile é visto como uma oportunidade para as filhas da madraستا se destacarem e garantirem seu futuro, através do casamento com um homem rico e poderoso. A madraستا percebe o casamento como a principal forma de ascensão social e segurança financeira para suas filhas, subordinando assim os interesses individuais das jovens ao desejo de alcançar status e poder por meio do matrimônio. Essa visão perpetua a ideologia de que o valor de uma mulher está diretamente ligado à sua capacidade de atrair um marido e garantir sua posição na hierarquia social, em vez de valorizar suas próprias habilidades e ambições profissionais.

Essa visão de submissão feminina ao homem, especialmente no contexto da busca por segurança financeira e status social, é amplamente discutida por autores que analisam os contos de fadas sob uma perspectiva crítica. De acordo com Simone de Beauvoir (1949), “a mulher é ensinada desde cedo a se preparar para agradar e atrair o homem, sua função central na sociedade sendo o matrimônio, e, por meio dele, sua aceitação e valorização social”. Isso evidencia como a narrativa de Cinderela, mesmo em uma adaptação surda, ainda carrega elementos dessa ideologia de submissão e dependência feminina ao poder masculino e ao matrimônio.

Figura 7 – As ruas de



Fonte: Hessel, Karnopp e Rosa (2003).

Glosa do texto em escrita de sinais:

“SINAL-CINDERELA NOME C-I-N-D-E-R-E-L-A É SURDA BONITA LEGAL. CINDERELA APRENDER LÍNGUA DE SINAIS AMIGAS SURDA CONVERSAR.”

Na Figura 7, vemos Cinderela e outras meninas surdas nas ruas de Paris, interagindo e aprendendo a Língua de Sinais Francesa (LSF). Esta cena ilustra a realidade histórica de marginalização da comunidade surda, na qual as crianças surdas frequentemente se encontravam com seus pares linguísticos fora do ambiente familiar e da escola tradicional.

A representação imagética enfatiza a conexão entre os membros da comunidade surda, que trocam experiências e se comunicam em língua de sinais. Ao mostrar Cinderela aprendendo a LSF nas ruas, a história relaciona o aprendizado das meninas de maneira informal e comunitária. Cinderela é filha de nobres franceses, mas sua posição social não a isenta das dificuldades e preconceitos que acompanham a condição do feminino e de pessoa surda.

Ao retratar Cinderela aprendendo LSF nas ruas, a narrativa não apenas destaca a informalidade do aprendizado para as meninas, mas também a importância da coletividade e da comunidade surda na formação da identidade surda. Segundo Skliar (1998), “a comunidade surda é um espaço social de construção de identidades, de transmissão de cultura, e, principalmente, de valorização da língua de sinais, onde os indivíduos encontram reconhecimento e aceitação”. Esse espaço informal permite a Cinderela desenvolver suas habilidades de comunicação e reforçar sua conexão com uma cultura que a acolhe, uma vivência essencial para que ela se reconheça como parte de um coletivo.

No texto em *signwriting* (escrita de sinais), as informações sobre Cinderela e suas amigas enfatizam a importância da comunidade surda, representada pelas meninas que aprendem juntas nas ruas. Por outro lado, no texto em português, menciona-se que tanto Cinderela quanto o príncipe aprenderam a língua de sinais ainda pequenos, mas há uma diferença notável: enquanto o príncipe teve acesso à educação formal, como vemos nas cenas com o professor L'Épée, Cinderela teve de aprender nas ruas, reforçando a desigualdade de gênero. Na época, os homens tinham acesso ao ensino escolar, enquanto as mulheres, especialmente as surdas, eram muitas vezes privadas desse direito, conforme discute Beauvoir (1949) ao analisar a exclusão das mulheres da educação formal. Isso reflete as dificuldades enfrentadas pelas mulheres, mesmo quando pertencentes à nobreza, como Cinderela, que, apesar de sua posição social, ainda enfrenta as barreiras impostas pela condição de pessoa surda e pelo gênero.

Figura 8 – As irmãs ouvintes provocam bullying



Fonte: Hessel, Karnopp e Rosa (2003)

Glosa do texto em escrita de sinais:

“CINDERELA FAZER TRABALHAR VASSOURA, LAVAR PRATO, ARRUMAR TUDO CASA DUAS IRMÃS PRIMEIRO E SEGUNDO IRMÃ FAZER NADA SÓ PROVOCAR, MAS COMUNICAR NADA”

Na Figura 8, as imagens apresentam Cinderela realizando tarefas domésticas. Os textos verbais *signwriting* e em português informam que ela trabalha e as irmãs só provocam. Cinderela é retratada como a única da família que desempenha tarefas domésticas, como limpar a casa e cozinhar, sem receber reconhecimento ou apreço por seu esforço. Os textos verbais também informam que as irmãs ouvintes não se comunicam com Cinderela. O título da cena descreve: As irmãs ouvintes provocam bullying. Portanto, sua vida é marcada pela opressão e pela falta de comunicação efetiva com sua madrasta e irmãs, que utilizam apenas alguns sinais limitados para se expressar. Essa barreira na comunicação não só dificulta a interação entre elas, mas também acentua a solidão e a marginalização de Cinderela dentro de seu próprio lar.

Esse contexto é especialmente relevante para as crianças surdas, que muitas vezes vivem em lares onde os pais e familiares são ouvintes. Como apontam Skliar (1998) e Matter (2018), “a exclusão da criança surda no ambiente familiar pode levar a um severo isolamento social, onde a falta de comunicação efetiva e de reconhecimento de sua identidade resulta em uma vivência de solidão e desamparo” (Skliar, 1998, p. 102 *apud* Matter, 2018, p. 18).

O isolamento na família é um tema crucial na análise da vivência de Cinderela. O artigo de João Filho fala sobre o isolamento na família, enfatizando como essa falta de comunicação e apoio emocional pode afetar o bem-estar dos indivíduos. De acordo com João Filho (2020, p. 45), “o ambiente familiar pode se tornar um espaço de exclusão e opressão quando a comunicação entre seus membros é limitada”.

Essa falta de comunicação não apenas impede a construção de laços afetivos, mas também contribui para a marginalização do indivíduo dentro de seu próprio lar. As dificuldades de comunicação que Cinderela enfrenta com suas irmãs ouvintes refletem uma realidade que muitas crianças surdas vivem em famílias majoritariamente ouvintes, nas quais a língua de sinais não é utilizada. Assim, a experiência de Cinderela, que enfrenta tanto a opressão das irmãs quanto a falta de conexão com sua mãe e madrasta, ilustra claramente como a dinâmica familiar pode acentuar o isolamento e a alienação.

A ausência de homens na cena como opressores diretos coloca as mulheres em uma posição de antagonismo entre si, sugerindo que as próprias mulheres podem ser agentes de opressão em um sistema patriarcal. Este aspecto da narrativa perpetua a ideia de que as mulheres são inimigas naturais umas das outras, dificultando a formação de alianças e a busca por igualdade.

Figura 9 – Fada-madrinha em Cinderela



Fonte: Hessel, Karnopp e Rosa (2003).

Glosa do texto em escrita de sinais:

“CINDERELA CHORAR SINAL FADA AJUDAR CARINHO, ANIMAR FADA VEIO AJUDAR CINDERELA TRANSFORMAR VESTIDO BONITO.”

A Figura 9 mostra Cinderela chorando em sua tristeza e solidão, destacando a exclusão e a discriminação que enfrenta por ser surda e não ter roupas bonitas para ir ao baile. A chegada da fada-madrinha representa uma intervenção mágica e externa (fora das suas relações cotidianas), que oferece a Cinderela a oportunidade de participar do baile e encontrar o príncipe.

Essa cena enfatiza a falta de soluções realistas e sustentáveis para as dificuldades enfrentadas por Cinderela, sugerindo que apenas uma intervenção mágica pode resgatar uma mulher de sua opressão e marginalização. A fada-madrinha representa a figura idealizada da mulher que auxilia outras mulheres a alcançarem sucesso e reconhecimento através de sua aparência física e sua capacidade de se destacar em eventos sociais. Ao vestir Cinderela com roupas bonitas e colocá-la em uma carruagem luxuosa, a fada-madrinha está reforçando a ideologia de que a felicidade e a realização de uma mulher estão ligadas à sua capacidade de se conformar aos padrões de beleza e comportamento estabelecidos pela sociedade patriarcal. A narrativa perpetua a ideia de que a transformação física e a conformidade aos padrões de beleza são essenciais para a aceitação social e a realização pessoal de uma mulher.

Além disso, o sucesso de Cinderela no baile e sua eventual conquista do príncipe não vêm de suas próprias capacidades ou de sua independência, mas sim da ajuda externa e do

próprio príncipe, que é visto como o salvador de sua situação. Ele é quem vai tirá-la da pobreza e dar-lhe felicidade, resolvendo seus problemas, o que perpetua a ideia de que é o homem que resolve as dificuldades da mulher, e não a mulher por sua própria conta. Essa narrativa sublinha a dependência feminina e reforça o papel do homem como salvador e provedor na vida das mulheres, conforme foi discutido por Beauvoir (1949) em sua análise sobre o papel da mulher na sociedade patriarcal.

É importante discutir a necessidade de promover a autonomia e o empoderamento das mulheres através de soluções que não dependam de intervenções mágicas, mas sim de mudanças sociais e culturais que valorizem suas habilidades, ambições e direitos.

Um aspecto importante a ser destacado são as luvas como objetos de caracterização da personagem Cinderela, aqui uma pessoa surda, o que a diferencia da personagem Cinderela, a pessoa ouvinte do conto original. As luvas, enquanto acessório, podem ser interpretadas como um símbolo da diferença de Cinderela. Ao mesmo tempo em que lhe permitem se integrar ao mundo do baile, elas também a distinguem das outras mulheres presentes. As luvas, neste sentido, podem ser vistas como uma metáfora para a identidade surda: um elemento que, ao mesmo tempo em que singulariza, também empodera.

As luvas destacam a diferença cultural, segundo João Neto (2021, p. 100): “Na área da comunidade surda, há a necessidade de adaptação das histórias porque o aspecto humano é igual, mas as culturas são diferentes. Na história original, Cinderela é ouvinte e usa um sapato de cristal que, ao fugir, o perde. Nessa história, Cinderela é surda e usa luva”.

A obra *Cinderela Surda*, uma adaptação do clássico conto *Cinderela*, foi modificada para refletir elementos da cultura surda, como a presença da língua de sinais e a representação de personagens surdos. Essas adaptações são importantes para promover a inclusão e destacar aspectos culturais específicos da comunidade surda. No entanto, ao analisarmos as relações de gênero dentro da narrativa, percebe-se que a dinâmica entre homem e mulher ainda reproduz padrões de submissão feminina, semelhantemente ao conto original, evidenciando que os estereótipos de gênero tradicionais permanecem presentes na história.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, investigamos o conto *Cinderela Surda* sob uma perspectiva crítica e feminista, verificando como as experiências da mulher surda são visibilizadas na narrativa, destacando como a narrativa tradicional pode ser reinterpretada para refletir questões contemporâneas de justiça social e igualdade de gênero. Através da análise detalhada das imagens e textos, identificamos vários elementos que refletem e perpetuam ideologias patriarcais e de desigualdade social.

Sobre as análises conceituais, compreendemos, através dos estudos de Mikhail Bakhtin e de Beth Brait (2009), que o conto *Cinderela Surda* pode ser interpretado como um texto verbo-visual, no qual se encontram elementos verbais e não verbais que carregam sentidos profundos e interação de maneira dialógica, participando da constituição dos sujeitos e de suas identidades. A análise da ligação entre o que é dito (verbal) e o que é mostrado (visual) foi crucial para compreendermos como as pessoas constroem sentido a partir do que veem e “ouvem”. No contexto de *Cinderela Surda*, essa perspectiva foi decisiva para o entendimento de como o texto combina linguagem escrita, imagens e outros elementos visuais.

Cinderela surda é a personagem principal, uma mulher surda. Como a Cinderela é retratada no conto reflete ideologias sobre gênero e a condição de pessoa surda, como preconceito, discriminação e exclusão. Ela é vista como uma figura social e está fora de diversos contextos sociais, culturais, políticos e econômicos, devido à sua condição de pessoa surda e posição social inferior, refletindo ideologias relacionadas à injustiça social. Dessa forma, verificamos que Cinderela foi representada por suas experiências de uma mulher, jovem e surda.

Embora seja pertencente à nobreza francesa, órfã de mãe, que convive com a madrasta e suas filhas ouvintes, observa-se o seu isolamento em relação aos familiares e o tratamento desigual nas atividades domésticas. Mesmo pertencendo a camada social da nobreza, por ser mulher, não foi escolarizada, diferentemente da formação destinada aos homens da nobreza, como o príncipe. Sua aquisição da língua de sinais veio da convivência com outras surdas, de maneira informal, fora da sua casa. Seu cotidiano é mostrado em conflito com as mulheres de sua família e sua redenção vem pela ajuda da fada-madrinha surda e pelo casamento com o príncipe surdo.

Na análise crítica com foco nas representações de gênero e poder, descobrimos que a narrativa tradicional de *Cinderela Surda* reforça estereótipos de gênero e limitações impostas às mulheres surdas. Cinderela é mostrada como uma figura que deve esperar passivamente pela

salvação de um príncipe, e seu valor é frequentemente associado à sua aparência e ao sucesso em conquistar a aprovação masculina.

No entanto, em alguns aspectos, *Cinderela Surda* também pode representar ideologias relacionadas à independência, à superação de desafios e ao empoderamento pessoal. Sua história pode ser interpretada como um exemplo de como uma pessoa surda pode alcançar seus objetivos apesar das dificuldades. Sua inclusão no conto, como personagem protagonista surda, reflete ideologias sobre inclusão e diversidade, destacando a importância de representar a subjetividade surda na mídia e na literatura. Além da condição de pessoa surda, outros aspectos da identidade de Cinderela Surda, como gênero, classe social e etnia, também influenciam sua representação e as ideologias presentes na história. A interseccionalidade desses diferentes aspectos deve ser considerada na análise da personagem.

Assim, a inclusão de elementos que retratam a luta por igualdade e o rompimento com os padrões patriarcais na obra *Cinderela Surda* estão alinhados com os debates atuais sobre feminismo e empoderamento surdo, refletindo a realidade de muitas mulheres surdas que, como a personagem, buscam um espaço de protagonismo e reconhecimento. Um problema significativo enfrentado durante a pesquisa foi a dificuldade em encontramos adaptações da história de Cinderela que incluíssem uma perspectiva feminista mais profunda e socialmente engajada. Muitas versões modernas ainda perpetuam o enredo tradicional, com pequenas modificações que não desafiam as normas patriarcais.

Para futuros pesquisadores, recomendamos a investigação de como as adaptações contemporâneas podem transformar os contos clássicos, buscando elos mais representativos com a sociedade atual. É crucial investigarmos como outras histórias tradicionais podem ser reinterpretadas e como essas versões podem impactar a percepção pública, no nosso caso, sobre o papel das mulheres na sociedade.

Considerando as lacunas identificadas, gostaríamos também que essa pesquisa estimulasse a criação de contos e histórias com narrativas ativistas e feministas, mais histórias da literatura surda e da literatura surda feminista. O desenvolvimento de histórias que desafiem as normas tradicionais e ofereçam perspectivas inovadoras sobre gênero e poder é essencial para avançarmos na luta por uma sociedade mais justa e inclusiva. Autoras como Lodenir Karnopp (2008) discutem como as adaptações surdas de contos de fadas trazem à tona questões de identidade e de gênero, promovendo uma crítica às estruturas opressivas e aos estereótipos presentes nas versões tradicionais dessas histórias.

Concluimos assim que a ideologia presente em *Cinderela Surda* é compreendida através da análise de como a mulher e pessoa surda é representada, como a personagem é

posicionada em relação ao poder e à marginalização, e como sua história reflete ideologias mais amplas sobre gênero, inclusão, diversidade e superação.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luiz Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016. Disponível em: <https://madmunifacs.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/08/anc3a1lise-de-contec3bado-laurence-bardin.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2024.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 2. ed. São Paulo: Nova Fronteira, 1949.

BOTELHO, Betiza; PEIXOTO, J. A.; SILVA, Otávio L. **A escritora surda medieval Teresa de Cartagena: uma discussão sob a ótica dos estudos surdos**. Local: Editora, 2023 (No prelo).

BOTELHO, Paula. **Linguagem e letramento na educação dos surdos: ideologias e práticas pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

BRAIT, Beth. A palavra Mandioca: do verbal ao verbo-visual. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 142-160, 2009. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/3004/1935>. Acesso em: 27 jun. 2024.

BRAIT, Beth. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 8, n. 2, 2013.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 25 abr. 2002.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436/2002 e dispõe sobre a Libras. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 23 dez. 2005.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMPELLO, A. R. e S.; CASTRO, N. P. de. **As Aventuras de Pinóquio em Língua de Sinais/Português**. Coleção Clássicos da Literatura em Libras-Português (infantojuvenil). Petrópolis: Editora Arara Azul, 2003.

CARTAGENA, Teresa de. **Arboleda de los enfermos**. Real Academia Española, 1967a. Disponível em: <https://www.bieses.net/teresa-de-cartagena-arboleda-de-los-enfermos/>. Acesso em: 26 out. 2023.

CARTAGENA, Teresa de. **Admiración Operum Dey**. Real Academia Española, 1967b.

Disponível em: <https://iberian-connections.yale.edu/wp-content/uploads/2019/09/CartagenaTere-sade-AdmiracionoperumDey.pdf>. Acesso em: 26 out. 2023.

COSTA, Marcos Roberto Nunes; COSTA, Rafael Ferreira. **Mulheres intelectuais na Idade Média: entre a medicina, a história, a poesia, a dramaturgia, a filosofia, a teologia e a mística**. Alegre, RS: Editora Fi, 2019.

DEPLAGNE, Luciana Calado; TORRES, Marie Helene Catherine (Orgs). **Raízes feministas em tradução: francês**. N. 2 Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2024. (Coleção Raízes Feministas em Tradução)

GARCIA, Luís Miguel Vicente. La defensa de la mujer como intelectual en Teresa de Cartagena y Sor Juana Inés de la Cruz. **Mester**, Vol. xviii, n. 2, 1989.

GESSER, Audrei. **LIBRAS? Que língua é essa?** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GONÇALVES, João Batista Costa; SILVA, Elayne Gonçalves; AMARAL, Marcos Roberto dos Santos; PONCIANO FILHO, José Alberto (Orgs.). **Análise dialógica do discurso em múltiplas esferas da criação humana**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. 324 p. ISBN 978-65-5869-641-4 (Impresso); ISBN 978-65-5869-642-1 (Digital).

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. 2020. Disponível em: <https://mulherespaz.org.br/site/wp-content/uploads/2021/06/feminismo-afro-latino-americano.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2024.

GOODMAN, Yetta. **Como as crianças constroem a leitura e a escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

HESSEL, Carolina; ROSA, Fabiano; KARNOPP, Lodenir B. **Cinderela Surda**. Canoas: ULBRA, 2003.

HESSEL, Débora; ROSA, M. Inês; KARNOPP, Lodenir. **Rapunzel Surda**. Porto Alegre: Ed. Mediação, 2011.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

KARNOPP, Lodenir B. Comunidade de surdos: contribuições para a educação. In: III ENCUESTRO INTERNACIONAL DE INVESTIGADORES DE POLÍTICAS LINGÜÍSTICAS, 2007, Córdoba. **Anais [...]** Córdoba: Secretaria de Extensión y Relaciones Internacionales, 2007. p. 119-122.

KARNOPP, Lodenir B. **Literatura surda**. Licenciatura em Letras-Libras. UFSC. Florianópolis, 2008.

KARNOPP, Lodenir B.; MACHADO, Rodrigo N. Literatura surda: ver histórias em língua de sinais. In: 2º SEMINÁRIO BRASILEIRO DE ESTUDOS CULTURAIS EM EDUCAÇÃO, 2006, Canoas. **Anais [...]** Canoas: ULBRA, 2006. p. 1-13.

KARNOPP, Lodenir; ROSA, M. Inês; ALANO, Rosângela. **Patinho Surdo**. Porto Alegre:

Ed. Mediação, 2011.

KLEIN, M.; FORMOZO, D. de P. Gênero e surdez. **Reflexão e Ação**, v. 15, n. 1, p. 100-112, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.17058/rea.v15i1.225>. Acesso em: 27 jun. 2024.

KRAUSE, Keli. **Feminismos surdos, deficiências e políticas públicas**. Recife: Editora Realize, 2017. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enlacando/2017/TRABALHO_EV072_MD1_SA2_ID1181_16072017175840.pdf. Acesso em: 25 fev. 2022.

KRAUSE, E. M. Mulheres surdas: entre a luta por direitos e a invisibilidade. In: I ENCONTRO NACIONAL: FEMINISMO E EMPODERAMENTO SURDO. Rio de Janeiro. **Anais [...]** Rio de Janeiro, 2017.

LEBEDEFF, T. Reflexões sobre adaptações culturais em histórias infantis produzidas para a comunidade surda. In: ORMEZZANO, G.; BARBOSA, M. (Orgs.). **Questões de Intertextualidade**. Passo Fundo: UPF, 2005. p. 179-188.

MARINHO, Fernando. **O que é literatura**. Disponível em: <https://www.portugues.com.br/literatura>. Acesso em: 25 jun. 2024.

MATTER, S. T. A. **A literatura como espaço de inclusão para crianças surdas**. 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/14155>. Acesso em:

MOURÃO, C. H. N. (2016). **Literatura surda**: experiência das mãos literárias. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2016.

NOGUEIRA, João. **Título do livro**. 1991.

NÖTH, Winfried; SANTAELLA, Lucia. **Introdução à semiótica**. São Paulo: Paulus, 2017.

OLIVEIRA FILHO, João Batista Alves de. **Isolamento social do surdo em obras adaptadas para a comunidade surda**: uma análise semiótica. v. 26, Ano 45, n. 4, 2021. Universidade Federal da Paraíba, 2021.

OLIVEIRA FILHO, J. **O ambiente familiar e a exclusão social**. Local: Editora, 2020.

OLIVEIRA-FILHO, João B. A. de.; ALVES, Edneia de O. Uma leitura semiótica da escrita de sinais. **Revista Acta Semiótica et Lingvistica**, v. 24, jun./set. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/actas/article/view/49039>. Acesso em: 07 dez. 2021.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Recife: Ed. Bagaço, 2005.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

PEIXOTO, Janaína Aguiar. **Fases da literatura surda brasileira**: períodos, estilos e obras. 2010. Disponível em: http://mail.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2023/TRABALHO_COMPLETO_EV185_MD1_ID8480_TB4767_19112023081204.pdf. Acesso em:

PEIXOTO, Janaína Aguiar. **A tradição literária no mundo visual da comunidade surda brasileira**. João Pessoa: Editora do CCTA, 2020.

PERLIN, Gladis; MIRANDA, Wilson. Surdos: o narrar e a política. **Ponto de Vista: Revista de Educação e Processos Inclusivos**, n. 5, Estudos Surdos, UFSC/NUP, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/pontodevista/article/view/1282/4249>. Acesso em: 27 jun. 2024.

PERLIN, Gladis; VILHALVA, Shirley. Mulher surda: elementos ao empoderamento na política afirmativa. **Revista Fórum - INES**, Rio de Janeiro, n. 33, 2016. Disponível em: <https://www.porsinal.pt/index.php?ps=artigos&idt=artc&cat=27&idart=453>. Acesso em: 26 fev. 2022.

PERRAULT, Charles. **Contos de Perrault**. Tradução de Regina Régis Junqueira. Belo Horizonte: Vila Rica, 1999.

PIMENTA, Nelson. **Literatura em LSB**. Rio de Janeiro: LSB Vídeos. 1999.

QUADROS, Ronice Muller; SUTTON-SPENCE, Raquel. Poesia em língua de sinais: traços da identidade surda. In: QUADROS, Ronice Muller (Org.). **Estudos surdos I**. Petrópolis: Arara Azul, 2006. p. 111. Disponível em: <http://www.editora-araraazul.com.br/ParteA.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2024.

QUEIROZ, Vera. **Crítica literária e estratégia de gênero**. Niterói: EDUFF, 1997. Disponível em: <https://dialogosliterarios.files.wordpress.com/2013/05/crc3adtica-feminista-parte-1.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2024.

ROCHA, Silvia Maria. **O INES e a educação de surdos no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: INES, 2008.

RODRIGUES, Carla. **Butler e a desconstrução do gênero**. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/c9SgKfQhGsFfZZqkGqBLqQh/?lang=pt>. Acesso em: 05 ago. 2024.

RODRIGUES, Jessica N.; RANGEL, Mary. Da linguagem à ideologia: contribuições bakhtinianas. **Perspectiva**, Florianópolis, 2015. Disponível em: <http://www.perspectiva.ufsc.br>.

ROSA, Fabiano Souto. **Literatura surda: o que sinalizam professores surdos sobre livros digitais em Língua Brasileira de Sinais – Libras**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2011.

ROSA, Fabiano; KARNOPP, Lodenir B.; ALANO, Maristela (Ilust.). **Adão e Eva Surdos**. Canoas: Ed. ULBRA, 2005.

SÁ, Nídia Regina Limeira de. **Educação de Surdos: a caminho do bilinguismo**. Niterói: EdUFF, 1999.

SANTAELLA, Lucia. **Semiótica Aplicada**. São Paulo: Cengage Learning, 2008.
SANTOS, Silvana Aguiar dos; RODRIGUES, Carlos Henrique (Orgs.). **Traduções, culturas**

e comunidades: singularidades e pluralidades em (des)encontros do eu com os outros. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023.

SCOTT, Joan. “Gênero” é uma categoria útil de análise histórica. **Revista de Educação e Realidade**, Porto Alegre, UFRGS, 1990.

SILVA, João; OUTROS AUTORES. **Título do livro ou artigo**. 2019.

SILVA, João; SOUZA, Maria. Título do Artigo. **Tradução e Linguística Aplicada**, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 123-145, 2021. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/tla/a/MTZccxwhFXzyLWPzGSbF8FC/?lang=pt>. Acesso em: 25 out. 2024.

SILVA, Vanessa G. dos S. **Mulheres surdas em movimento:** o ser surda e o ser mulher. IFG - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, 2021. Disponível em:
https://www.snh2021.anpuh.org/trabalho/view?ID_TRABALHO=1969. Acesso em: 20 fev. 2022.

SILVEIRA, Rosa H. Contando histórias sobre surdos(as) e surdez. In: COSTA, M. (Org.). **Estudos Culturais em Educação**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

SKLIAR, Carlos. **A educação dos surdos:** uma perspectiva socioantropológica. Porto Alegre: Mediação, 1998a.

SKLIAR, Carlos. **A surdez e suas interfaces**. 1998b. Disponível em:
<http://projetoredes.org/wp/wp-content/uploads/Carlos-Skliar-1998.pdf>.

SOBRAL, A. U. As relações entre texto, discurso e gênero: uma análise ilustrativa. **Intercâmbio**, v. 17, p. 1-14, 2008. Disponível em:
<https://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/3570>. Acesso em: 26 jun. 2024.

SUTTON-SPENCE, Rachel; BOYLES, Penny. **Analysing Sign Language Poetry**. New York: Palgrave Macmillan, 2005.

STELA, Perné S. **Mulheres Surdas e Gênero**. rev., edição 9 - 5. Disponível em:
<https://editora-arara-azul.com.br/site/edicao/49>. Acesso em: 20 fev. 2022.

STROBEL, Karin. **História da educação de surdos**. Universidade Federal de Santa Catarina. Licenciatura em Letras-Libras na modalidade a distância, 2009. Disponível em:
https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecific/historiaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase_HistoriaEducacaoSurdos.pdf. Acesso em: 31 maio 2023.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 3. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2015a. Capítulo 4, Artefato cultural: artes visuais, p. 82. Disponível em:
https://www.academia.edu/41857386/As_imagens_do_outro_sobre_a_cultura_surda. Acesso em:

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 3. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC. Capítulo 8. Como podemos compreender as peculiaridades da cultura surda e nos envolver com ela. 2015b. Disponível em:
https://www.academia.edu/41857386/As_imagens_do_outro_sobre_a_cultura_surda.

SUTTON-SPENCE, R. *et al.* Antologias literárias em Libras. **Fórum Linguístico**, v. 17, p. 5505–5525, 2020.

SUTTON-SPENCE, R. **Literatura em Libras**. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2021.

TROCH, Lieve. Mística Feminina na Idade Média: historiografia feminista e descolonização das paisagens medievais. **Revista Graphos** - Revista da Pós-Graduação em Letras da UFPB. v. 15, n. 1, 2013.

VAL, Maria Isabel del *et al.* **La historia de las mujeres**: una revisión historiográfica. Valladolid: Universidad de Valladolid, Secretariado de Publicaciones e Intercambio Editorial, 2004.

VOCÊS. **I Encontro Latino-Americano de Mulheres Surdas Líderes**. Disponível em: <http://www.vocesenelsilencio.org.ar/modules.php?name=News&file=article&sid=1158>. Acesso em: 26 fev. 2022.

WILLIAMS, C. L.; MCLEAN, M. M. **Young deaf children's response to picture book reading in a preschool setting**: research in the teaching of English. (s.l., s.n.), 1997.